



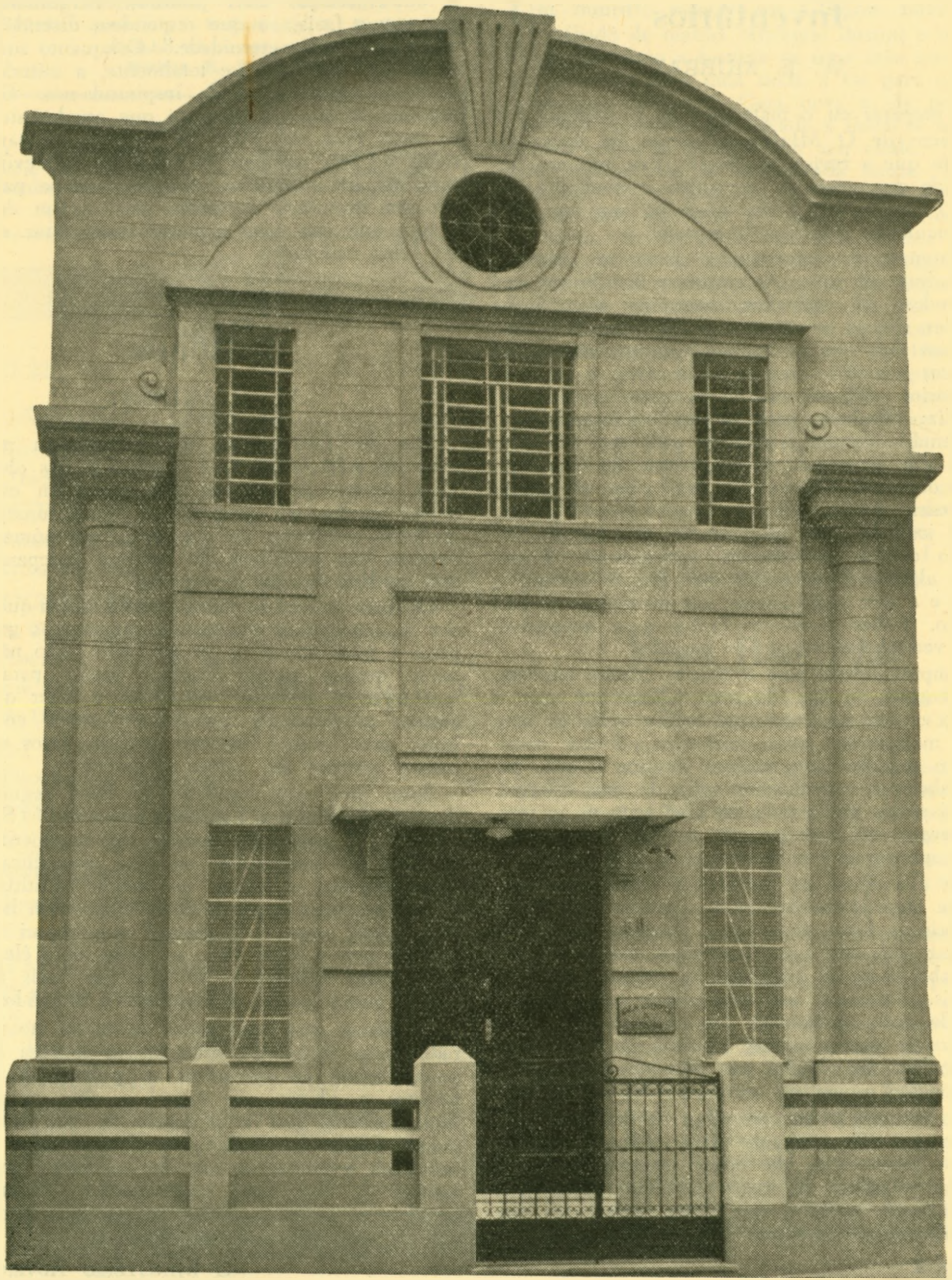
O MINISTÉRIO ADVENTISTA



ANO 22

NOVEMBRO-DEZEMBRO DE 1956

Nº. 6





Inventários

W. E. MURRAY

AO preparar eu o material para o presente número de *O Ministério*, pensei na época do ano em que a revista aparecerá. Este número responde aos meses de novembro e dezembro, ou seja, o fim do ano. Esta época do ano tem para a humanidade significação especial.

Costumam os comerciantes fazer um balanço nesta altura do ano. As empresas distribuem seus dividendos. O agricultor determina seus lucros e perdas. Faz-se um inventário das mercadorias que sobram das vendas do ano. Muito interessante é pensar nos vários ramos do comércio e em seus inventários. Alguns colocam na porta um letreiro, que diz: "Fechado para balanço." Naturalmente, o inventário de um criador de gado será diferente do de um merceiro. O negociante de óleos, gasolina ou outro líquido, não fará o seu inventário da mesma forma que um madeireiro. Por sua vez o joalheiro terá que encarar este assunto de aspecto diverso dos demais comerciantes. Entretanto, alguma coisa existe que lhes é comum a todos, e é que todos fazem um inventário no fim do ano. É-lhes necessário fazê-lo para inteirarem-se da verdadeira situação do negócio.

É imprescindível para o obreiro cristão, também, o inventário de fim de ano. Claro está que o obreiro cristão não tem que medir madeiras nem pesar mercadorias, mas, em troca, deverá considerar o trabalho que realizou durante o ano, para estabelecer o verdadeiro valor de seus esforços. Deverá sentir júbilo pelo trabalho feito e, ao mesmo tempo, compreender que a única maneira de poder apreciar o que realizou é o inventário.

Esta é a época de lançar um olhar retrospectivo que abranja de janeiro a dezembro e ajude a descobrir as faltas cometidas. Também deveremos procurar ver em que alcançamos êxito. É preciso saber fazer o inventário de nossas atividades pessoais. Devemos, outrossim, saber pesar o resultado de nossa influência. Se ofendemos alguém, devemos ir com a maior urgência possível pedir-lhe perdão. Se alguém nos ofendeu e não ajusto conosco o assunto, devemos fazê-lo nós.

Que influência exerceu sobre os demais a nossa atuação? Teve algum efeito sobre o mundo frio, o santo calor da nossa atuação? Pudemos suportar a crítica de nosso trabalho? Realizamos alguma coisa aceitável que possa resistir aos embates dos anos, tais como: edificar uma igreja, ins-

truir almas na verdade ou dar conselhos a quem deles necessitavam? Tratamos com carinho e consideração os membros de nossa família? Vivemos vida equilibrada no que concerne às atividades mentais, físicas e espirituais? Se não o fizemos, algum dia isso será exposto com clareza.

Ao fazermos nosso inventário pessoal devemos medir os resultados da inspiração que causamos neste mundo. As pessoas que apreciam nosso trabalho são inspiradas geralmente por dois fatores: o que fazemos e a maneira em que o fazemos. Muitas vezes a influência que exercemos sobrepõe o valor de nossa obra. Apeles, que viveu no século IV antes de Cristo, foi pintor grego de fama. A gente de seu tempo o via retocar uma e outra vez as suas pinturas. Perguntaram-lhe por que o fazia, ao que respondeu, dizendo: "Eu não pinto para a eternidade." Conquanto sua obra se tenha perdido quase totalmente, a atitude desse pintor continua ainda inspirando-nos. Os entendidos na matéria afirmam que atualmente quase nada resta das obras de Apeles; entretanto, a fama de sua maneira de trabalhar sobreviveu e serve-nos de inspiração. Tomemos tempo para fazer um inventário de nossa vida, a fim de que o ano que está para começar possa estar repleto de belas realizações.

Unidade

W. E. MURRAY

UM dos fatores que mais contribuem para o êxito do esforço cristão é a unidade dos obreiros. Uma dezena de homens que trabalham estreitamente unidos em propósito e ação, conseguirão melhores resultados do que o mesmo número de obreiros que trabalhem de maneira independente, sem unidade de ação e propósito.

Os construtores de pontes pensem sabem que uma das maneiras mais seguras de suportar os grandes pesos é mediante cabos de aço. Um cabo não são senão muitos arames torcidos juntos para formar uma só unidade. Atrevo-me a dizer que os arames estreitamente torcidos e unidos em um único cabo, podem suportar maiores pesos que o mesmo número de arames separados.

Jesus orou pela unidade de Seus seguidores, dizendo: "Sejam um, como Nós somos um." (S. João 17:22.) A união dos homens do movimento adventista nas campanhas, na obra evangélica, nos Departamentos e outras atividades, constitui um dos fatores mais importantes do êxito. Um homem pode atrair outro. O obreiro que possui certos talentos que o outro não tem, pode sobre ele exercer enorme influência. O que tem mais ânimo que o outro, pode entusiasmar-lo e animá-lo.

Os planos e as campanhas da igreja são preparados pelos dirigentes, sobre quem repousa a responsabilidade de apresentar ao público de Deus projetos e planos que façam a obra progredir. Nosso sistema tem a vantagem de que todos os planos devem ser primeiramente aprovados pelas comissões responsáveis, em que os vários departamentos da obra estão representados. Nessas comissões há administradores, evangelistas, professó-

(Continua na página 14)



Órgão publicado bimestralmente pela
 Associação Ministerial da Igreja Adventista do
 Sétimo Dia
 Editado pela
 Casa Publicadora Brasileira
 Santo André, São Paulo
 Gerente — Bernardo E. Schuenemann
 Redator responsável — Luiz Waldvogel
 Redator associado — Rafael de A. Butler
 Colaborador especial:
 Walter E. Murray

NOSSA CAPA

O belo templo que nos orna a capa deste mês, está localizado na cidade de Salvador, Bahia, onde representa bem a Causa do Senhor.



ANO 22 N.º 6

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Inventários	2
Unidade	2

ILUSTRAÇÕES

Amor Divino	3
Uma Boa Mãe	3

ARTIGOS GERAIS

A Cronologia de Esdras VII — IX Parte.	
Apêndice (Fim da série)	4
Em Que Consiste a Verdadeira Religião II	11
A Última Etapa	13

OBRA PASTORAL

Deontologia Ministerial	15
-----------------------------------	----

CONSELHO DO ESPÍRITO DE PROFECIA

O Lugar de Cristo na Divindade	16
--	----

EVANGELISMO

Pregação Persuasiva	19
Evangelismo Relâmpago	20

NOTAS E NOTÍCIAS 22

CAIXA DE PERGUNTAS

Que Podemos Dizer da Dança como Recreação para os Cristãos?	23
--	----

NOSSA LÍNGUA

Diferença entre "Ouvir" e "Escutar"; Aumentativo de Alguns Substantivos; Coletivos	24
--	----

ILUSTRAÇÕES

Amor Divino

"Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele." São João 3:16 e 17.

Um ministro escocês em Glasgow estava num sábado de manhã buscando ilustrar o amor de Cristo, e contou a história de uma mãe que tomou seu pequeno filho uma noite e foi para uma das montanhas escocesas. Caiu neve e ela perdeu o caminho. Exausta, foi forçada a deitar-se na neve, depois cobriu a criança com seu chale. Na manhã seguinte ela foi encontrada morta. Disse o ministro: "Seu filho foi achado com vida e se vingou deve ser hoje um homem de trinta anos de idade. Se ele ainda vive e se lembra daquela história, como sua mãe o salvou desabrigando-se a si mesma, estou certo de que se lhe expandiria o coração de amor por haver tido uma mãe tal. Deve reverenciar-lhe a memória e agradecer a Deus constantemente pelo que ela por ele fez. E tu, amigo, se não amas a Jesus Cristo que morreu para te salvar, és pior que um filho ingrato."

Passados uns poucos dias, foi o ministro chamado para conversar com um homem moribundo, que havia muito estava enlameado no pecado. Era o filho da mãe desta história. Ele fôra à igreja naquela manhã e ouvira a história. Não podia evadir-se da aplicação da história. Em seu leito de morte aceitou o Cristo do Calvário. — Keith L. Brooks, *Illustrations for Preachers and Speakers*.

Uma Boa Mãe

"Mulher virtuosa quem a achará? O seu valor muito excede o de rubins. O coração de seu marido está nela confiado... ainda de noite se levanta e dá mantimento à sua casa... a sua lâmpada não se apaga de noite... olha pelo govêrno de sua casa, e não come o pão da preguiça. Levantam-se seus filhos, e chamam-na bem-aventurada..." Provérbios 31:10, 11, 15, 18, 27 e 28.

Há um quadro muito conhecido que retrata a mãe de Jesus sendo conduzida brandamente da terrível cena onde seu Filho foi pregado à cruz. Tem o coração quebrantado, dilacerado pela cena de que fôra testemunha; não obstante, no seu semblante uma estranha luz refulge, sugerindo fé. O pintor acrescentou um particular, não sugerido nas Escrituras. Na sua mão colocou a coroa de espinhos que estivera na frente de Jesus, como se instintivamente a tivesse tirado da cabeça d'Ele. Uma boa mãe não faria isto? Sim, é sempre a mãe quem tira os espinhos, acariando docemente a fronte febril, enxugando as lágrimas, pensando as feridas, proferindo palavras de conforto. — Keith L. Brooks, *Illustrations for Preachers and Speakers*.

ARTIGOS GERAIS

A Cronologia de Esdras 7 -- IX

Por S. H. HORN e L. H. WOOD

(Professores do Seminário Teológico Adventista)

APÊNDICE (Continuação)

AP 14

14 de abh=19 de pachons, do ano 25 de Artaxerxes I

(440 A. C.)

NO 25º. ano régio egípcio de Artaxerxes, 25 de pachons coincidiu com 26/27 de agosto (sS a sS) do ano 440 A. C., e 14 de abh foi 25/26 de agosto (pS a pS) ou 26/27 de agosto (pS a pS). A conjunção da Lua ocorreu em 12,81 de agosto (às 19,26). Se 1º. de abh foi 12/13 de agosto (pS a pS) teria começado exatamente seis centésimos de um dia (1 hora, 26 minutos) antes de que se produzisse a verdadeira conjunção, o que é inconcebível. Se 1º. de abh correspondesse a 13/14 de agosto (pS a pS), o período de traslação teria tido duração mais razoável: 94 centésimos de um dia (22 horas, 33 minutos).

Kraeling 3

7 de elul = 9 de payni, do ano 28 de Artaxerxes I

(437 A. C.)

No 28º. ano régio egípcio de Artaxerxes, o dia 9 de payni correspondeu a 14/15 de setembro (sS a sS) de 437 A. C., de elul, consequentemente, a 13/14 de setembro (pS a pS). Como a conjunção ocorreu em 7,55 de setembro (às 13,12) o período de traslação teria sido de apenas 20 centésimos de um dia (4 horas, 48 minutos) se 1º. de elul fôsse 7/8 de setembro (pS a pS), mas haveria tido a duração mais razoável de 1,20 dias (28 horas, 48 minutos) se 1º. de elul correspondesse a 8/9 de setembro (pS a pS).

AP 10

7 de quisleú = 4 de thot do ano |2|9 de Artaxerxes I

(437 A. C.)

Este papiro está muito bem conservado e não apresenta dificuldade de decifração. Entretanto, o número 9 do ano parece ser um erro, em lugar de 29, pois em todos os anos régios de Artaxerxes I, 1º. de quisleú concorda com 4 de thot unicamente nos anos 4º. (29) e 29º. do cômputo egípcio.

O dia 4 de thot no 29º. ano régio egípcio de Artaxerxes coincidiu com 13/14 de dezembro (sS a

sS) do ano 437 A. C., pelo que o dia 7 de quisleú foi 12/13 de dezembro (pS a pS) ou 13/14 de dezembro (pS a pS). A conjunção da Lua ocorreu em 5,74 de dezembro (às 17,45), e o período de traslação atingiu 1,01 dias (24 horas, 14 minutos) se 1º. de quisleú foi 6/7 de dezembro (pS a pS) ou a 2,01 dias (48 horas, 14 minutos) se 1º. de quisleú foi 7/8 de dezembro (pS a pS) do ano 437 A. C.

Se o ano 29 obedece a uma reconstrução correta da data deste papiro, foi escrito no mesmo ano juliano que o papiro anterior (*Kraeling 3*), embora difiram os anos régios; o dia 1º. de thot é o ponto de partida de um novo ano régio no Egito. Desta maneira se comprovam um pelo outro. É de lamentar unicamente que o ano 29 seja uma conjectura, embora com base em boas provas para determiná-lo.

AP 15

25 | de | tishri = 6 de epiphi, do ano | 30 | de | Artaxerxes I

(435 A. C. ?)

A primeira linha, que contém a data, está muito danificada. 6 de epiphi está conservado; mas embora os caracteres traduzidos por "25 de tishri" concordem com os escassos restos de algumas letras visíveis, está-se muito longe da possibilidade de que a reconstrução proposta apresente a interpretação correta que seja a única possível. Nada resta do número do ano régio, e existe só a última letra do nome do rei, que deve haver sido Artaxerxes I, segundo o demonstra o conteúdo do documento. (30) Conquanto não se possa atribuir

(29) Visto ser mais fácil presumir que o escriba haja cometido um erro em escrever um 9 em vez de um correto 29 para o número do ano, no texto, não é prestada nenhuma atenção à outra possibilidade de que haja escrito equivocadamente um 9 em vez de um 4. Mas a fim de completar a informação serão aqui apresentados os cômputos correspondentes ao ano 4. O dia 4 de thot, no quarto ano régio egípcio de Artaxerxes I foi o dia 20 de dezembro (sS a sS) do ano 462 A. C. Consequentemente o dia 7 de quisleú teria sido 19/20 de dezembro (pS a pS) ou o dia 20/21 (pS a pS) do mesmo mês. Visto que a conjunção ocorreu no dia 12,53 de dezembro (às 12,43 pm) o período de traslação deve haver tido a extensão de 1,22 dias (29 horas, 16 minutos) se o dia 1º. de quisleú foi o dia 13/14 de dezembro (pS a pS), ou de 2,22 dias (53 horas, 16 minutos) se 1º. de quisleú foi o dia 14/15 desse mesmo mês (pS a pS).

(30) Cowley, *op. cit.*, pág. 44.

nenhuma autoridade aos resultados obtidos em qualquer cálculo relacionado com este papiro, apresenta-se o seu estudo para completar a informação.

Pode conseguir-se uma concordância aproximada entre 25 de tishri e 6 de epíphi unicamente nos anos 449 e 435 A. C. Agora se pode obter uma comprovação para o ano 449 graças ao *Kraeling 2* que, infelizmente, também está rasgado. Para conseguir a correspondência entre ambos os papíros, deve mudar-se 3 de pharmouti, no *Kraeling 2*, para 2 de pharmouti, e 25 de tishri, em AP 15, para 24 de tishri. ⁽³¹⁾ Pôsto que os cálculos para o ano 435 A.C. não requerem tais mudanças, apresentamo-los a seguir.

6 de epíphi, no ano 435 A. C. correspondeu a 11/12 de outubro (sS a sS), e 25 de tishri, conseqüentemente, a 10/11 de outubro (pS a pS) ou a 11/12 de outubro (pS a pS). A conjunção da Lua ocorreu em 15,44 de setembro (às 10,33), de modo que o período de traslação atingiu 1,31 dias (31 horas, 26 minutos) se 1º. de tishri foi 16/17 de setembro (pS a pS), mas seria de 2,31 dias (55 horas, 26 minutos) se 1º. de tishri fosse 17/18 de setembro (pS a pS).

Kraeling 4

25 de tishri = 25 de epíphi, do ano 31 de Artaxerxes I

(434 A. C.)

No 31º. ano régio egípcio de Artaxerxes, 25 de epíphi correspondeu a 30/31 de outubro (sS a sS) do ano 434 A. C., e 25 de tishri, a 29/30 de outubro (pS a pS) ou a 30/31 de outubro (pS a pS). A conjunção foi em 4,37 de outubro (às 8,52), e o período de traslação atingiu 1,38 dias (33 horas, 7 minutos) se 1º. de tishri foi o dia 5/6 de outubro (pS a pS), ou a 2,38 dias (57 horas, 7 minutos) se 1º. de tishri foi 6/7 de outubro (pS a pS).

Kraeling 5

20 de sivã = 7 de phamenoth, do ano 38 de Artaxerxes I

(427 A. C.)

No 38º. ano régio egípcio de Artaxerxes, 7 de phamenoth coincidiu com 12/13 de junho (sS a sS) do ano 427 A. C. Já que 20 de sivã foi 11/12 de junho (pS a pS) ou 12/13 de junho (pS a pS) e a conjunção da Lua ocorreu em 22,21 de maio (às 5,02), o período de traslação foi de 1,54 dias (36 horas, 57 minutos) se 1º. de sivã correspondeu a 23/24 de maio (pS a pS), ou de 2,54 dias (60 horas, 57 minutos) se 1º. de sivã correspondeu a 24/25 de maio (pS a pS).

Kraeling 6

8 de pharmouti = 8 de tammuz, do ano 3 de Dario II

(420 A. C.)

Não há necessidade de repetir aqui o que explicamos em capítulo anterior acerca deste papiro, onde ficou demonstrado que as datas deste do-

cumento podem concordar entre si, unicamente se o ano 3 significa o 3º. ano régio de Dario II, segundo o calendário judaico de outono a outono.

No 3º. ano régio de Dario II, segundo o cômputo judaico (mas no 4º. ano, segundo o cômputo egípcio) o dia 8 de pharmouti correspondeu a 11/12 de julho (sS a sS) do ano 420 A. C. Então, 8 de tammuz correspondeu a 10/11 de julho (pS a pS) ou a 11/12 de julho (pS a pS). A conjunção ocorreu em 2,77 de julho (às 18,28), e o período de traslação abrangeu 98 centésimos de um dia (23 horas, 31 minutos) se 1º. de tammuz coincidiu com 3/4 de julho (pS a pS), ou 1,98 dias (47 horas, 31 minutos) se 1º. de tammuz coincidiu com 4/5 de julho (pS a pS).

AP 20

Elul = Pa | yni | do ano 4 de Dario II
(420 A. C.)

Embora se tenham preservado só as duas primeiras letras da palavra payni, esta reconstituição é correta; é impossível reconstituir esta palavra para formar o mês pha/ophi/, porque elul e phaphi permaneceram separados durante todo o século V A. C.

No 4º. ano régio de Dario II, segundo o cômputo egípcio, o dia 1º. de payni coincidiu com 2/3 de setembro (sS a sS) do ano 420 A. C. A conjunção mais próxima a esta data ocorreu em 31,12 de agosto (às 2,52), e 1º. de elul se pôde identificar com 1/2 de setembro (pS a pS) com um período de traslação de 1,63 dias (39 horas, 7 minutos), de modo que o dia 2 de setembro pode chamar-se "o primeiro dia do mês", se pode dar-se esta significação à palavra correspondente do documento. Entretanto, a tradução tradicional "no mês" também concorda, já que ambos os meses são quase sincrônicos, e este documento — a apresentação de uma demanda — pode escrever-se em quase qualquer dia de elul para sincronizá-lo com payni.

Kraeling 7

Tishri = Epíphi do ano 4 de Dario II
(420 A. C.)

Este papiro foi escrito no mês seguinte ao registrado no papiro AP 20. O dia 1º. de epíphi correspondeu a 2/3 de outubro (sS a sS) do ano 420 A. C., e 1º. de tishri coincidiu provavelmente com 30 de setembro / 1º. de outubro (pS a pS), visto que a conjunção ocorreu em 29,83 de setembro (às 19,55), o que daria um período de 92 centésimos de dia (22 horas, 4 minutos) Mas o dia 1º. de tishri também pode haver correspondido a 1/2 de outubro, com um período de traslação de 1,92 dias (46 horas, 4 minutos), de modo que uma vez mais um mês egípcio começaria aproximadamente ao mesmo tempo que um mês judaico, e poderia chamar-se a 1º. de epíphi "pri-

(31) Desde 18 de tammuz até 25 de tishri há 95 ou 96 dias num calendário lunar, mas apenas 93 dias desde 3 de pharmouti até 6 de epíphi no calendário solar egípcio. Para conseguir que esses dois intervalos diferentes sejam iguais é preciso alongar um e encurtar o outro. Desde o dia 2 de pharmouti a 6 de epíphi há 94 dias, e de 18 de tammuz a 24 de tishri, 94 ou 95 dias.

meiro" de tishri permitindo essa tradução para a palavra correspondente na linha da data.

Visto que o papiro foi escrito em tishri, depois do começo de um novo ano civil judaico, e antes do fim do ano civil egípcio, o 4.º ano régio de Dario era o mesmo, segundo cada um dos três sistemas em uso, como pode ver-se numa figura publicada anteriormente.

Kraeling 8

6 de tishri = 22 de payni do ano 8 de Dario II
(416 A. C.)

Visto que o mês egípcio payni sincronizava com o mês elul no 4.º ano egípcio de Dario (AP 20), é impossível que o mesmo coincida com 6 de tishri e 22 de epíphi no 8.º ano régio de Dario II. Por isso pode deduzir-se que o escriba cometeu um erro ao escrever o nome do mês payni em lugar do mês seguinte, epíphi.

O dia 22 de epíphi correspondeu a 22/23 de outubro (sS a sS) do ano 416 A. C., pelo que o dia 6 de tishri correspondeu a 21/22 de outubro (pS a pS) ou a 22/23 de outubro (pS a pS). A conjunção ocorreu em 14,71 de outubro (às 17, 02), de modo que o período de traslação durou 2,94 dias (48 horas, 57 minutos) se o dia 1.º de tishri coincidiu com o 16/17 de outubro (pS a pS). Assim, é impossível que 1.º de tishri tenha sido 17/18 de outubro (pS a pS), porque neste caso o período de traslação teria sido de 3,04 dias (72 horas, 57 minutos).

Outra possibilidade seria presumir um erro no mês judaico e não no egípcio, isto é, ler elul em lugar de tishri. Neste caso, se contraria 22 de payni, que corresponderia a 22/23 de setembro (sS a sS) do ano 416 A. C., e 6 de elul seria o dia 21/22 de setembro (pS a pS) ou 22/23 de setembro (pS a pS). A conjunção ocorreu em 15,23 de setembro (às 5,31) permitindo um período de traslação de 1,52 dias (36 horas, 28 minutos) se 1.º de elul foi o dia 17/18 de setembro (pS a pS).

Não obstante, é muito pouco provável que o escriba haja cometido o erro de escrever tishri em lugar de elul, pois tishri vem em seguida a elul, e muito raro é cometer o erro de confundir um mês futuro com o vigente. Erro comum, porém, é escrever o nome de um mês passado em lugar do vigente. É o que teria acontecido neste caso, se o escriba continuou equivocadamente escrevendo payni, embora já corresse o mês de epíphi, que é o seguinte.

AP 25

3 de quisleú, ano 8 = 12 de thot, ano 9 de Dario II
(416 A. C.)

Este papiro e o seguinte são de capital importância, porque registam o ano régio de Dario, segundo os sistemas judaico e egípcio. Esta prática não era seguida sempre que havia diferença entre os anos.

No ano 9.º egípcio de Dario II, 12 de thot correspondeu a 16/17 de dezembro (sS a sS) de 416 A. C., e 3 de quisleú, quer no 8.º ano ju-

daico quer no 8.º ano persa, correspondeu a 15/16 de dezembro (pS a pS) ou a 16/17 de dezembro (pS a pS). A conjunção da Lua ocorreu em 12,98 de dezembro (às 23,31), o que permite um período de traslação de 77 centésimos de dia (18 horas, 28 minutos) se 1.º de quisleú coincidiu com 13/14 de dezembro (pS a pS) ou de 1,77 dias (42 horas, 28 minutos) se 1.º de quisleú coincidiu com 14/15 de dezembro (pS a pS).

AP 28

24 de shebat, ano 13 = 9 de athyr, ano 14 de Dario II
(410 A. C.)

9 de athyr correspondeu a 10/11 de fevereiro (sS a sS) de 410 A. C., no 14.º ano régio egípcio de Dario II, o que faz corresponder o dia 24 de shebat com 9/10 de fevereiro (pS a pS) ou com 10/11 de fevereiro (pS a pS). A conjunção ocorreu em 17,34 de janeiro (às 3,07), e o período de traslação atingiu 62 centésimos de dia (14 horas, 52 minutos) se 1.º de shebat correspondeu a 18/19 de janeiro (pS a pS).

Estes dois papiros, AP 25 e AP 28, demonstram claramente que os escribas autores destes documentos empregavam sistemas diferentes de computar os anos régios de seus senhores persas; um, segundo o método egípcio, e o outro, segundo o judaico. Nem sempre eram tão coerentes que mencionassem ambos os anos, quando existiam diferenças entre ambos, como em AP 10, que menciona os meses judaico e egípcio, tal como acontece em AP 25, já estudado.

Kraeling 9

24 de marjestuvã = 29 de mesori do ano 1.º de Artaxerxes II
(404 A. C.)

Não existem ladrilhos contemporâneos dos últimos seis anos de Dario II, ou do ano ascensional de Artaxerxes II. Por este motivo dependemos até aqui do Cânon de Ptolomeu e da Tábua Saros para fixar o primeiro ano de Artaxerxes II. (32) As datas que assim foram fixadas agora se corroborarão e verificarão com a ajuda deste papiro de data dupla, e do seguinte.

O primeiro ano régio de Artaxerxes II, segundo o Cânon de Ptolomeu, foi o ano 344.º da era Nabopolassar, e começou com o dia 1.º de thot, 2 de dezembro de 405 A. C. 29 de mesori correspondeu a 25/26 de novembro (sS a sS) de 404 A. C., pelo que o dia 24 de marjestuvã pôde ser o dia 24/25 de novembro (pS a pS) ou 25/26 de novembro (pS a pS). A conjunção ocorreu em 1,43 de novembro (às 10,19) e o período de traslação foi de 32 centésimos de um dia (7 horas, 40 minutos) se 1.º de marjestuvã coincidiu com 1/2 de novembro (pS a pS), ou de 1,32 dias (31 horas, 40 minutos) se 1.º de marjestuvã correspondeu a 1/2 de novembro (pS a pS).

(32) Parker e Dubberstein, *op. cit.*, pág. 16.

Nº. do Papiro	Ano A. C.	DATA EGÍPCIA			DATA JUDAICA				
		Mês e dia egípcios	Mês e dia julianos	Mês e dia judaicos	Se foi escrito durante o dia		Se foi escrito depois do pôr do Sol		
					Mês e dia julianos	Período de traslação (a)	Mês e dia julianos	Período de traslação	
AP 5	471	Pach. 28	Setº. 12/13	Elul 18	* Setº.	11/12	23 hs. 17 mins.	Setº. 12/13	47 hs. 17 mins.
AP 66	464	Tho. 17	Janº. 2/3	Kisl. 18	* Janº.	1/2	17 hs. 2 mins.	Janº. 2/3	41 hs. 2 mins.
Kr 1	451	Pham. 25	Julº. 6/7	Siv. 20	Julº.	5/6	3 hs. 50 mins.	* Julº. 6/7	27 hs. 50 mins.
Kr 2	449	Phar. 3	Julº. 13/14	Tam. 18	* Julº.	12/13	19 hs. 55 mins.	Julº. 13/14	43 hs. 55 mins.
AP 13	446	Mes. 11	Novº. 18/19	Kisl. 2	Novº.	17/18	12 hs. 0 mins.	* Novº. 18/19	36 hs. 0 mins.
AP 14	440	Pach. 19	Agº. 26/27	Abh. 14	Agº.	25/26	(-1 h. 26 mins.) ^b	* Agº. 26/27	22 hs. 33 mins.
Kr 3	437	Pay. 9	Setº. 14/15	Elul 7	Setº.	13/14	4 hs. 48 mins.	* Setº. 14/15	28 hs. 48 mins.
Kr 4	434	Epi. 25	Outº. 30/31	Tish. 25	* Outº.	29/30	33 hs. 7 mins.	Outº. 30/31	57 hs. 7 mins.
Kr 5	427	Pham. 7	Junº. 12/13	Siv. 20	* Junº.	11/12	36 hs. 57 mins.	Junº. 12/13	60 hs. 57 mins.
Kr 6	420	Phar. 8	Julº. 11/12	Tam. 8	* Julº.	10/11	23 hs. 31 mins.	Julº. 11/12	47 hs. 31 mins.
AP 25	416	Tho. 12	Dezº. 16/17	Kisl. 3	* Dezº.	15/16	18 hs. 28 mins.	Dezº. 16/17	42 hs. 28 mins.
AP 28	410	Ath. 9	Fevº. 10/11	Sheb. 24	Fevº.	9/10	14 hs. 52 mins.	Fevº. 10/11	38 hs. 52 mins.
Kr 9	404	Mes. 29	Novº. 25/26	Mar. 24	* Novº.	24/25	7 hs. 40 mins.	* Novº. 25/26	31 hs. 40 mins.
Kr 10	402	Choi. 8	Mar. 9/10	Adar 20	* Mar.	8/9	21 hs. 36 mins.	* Mar. 9/10	45 hs. 36 mins.

* Dados resultantes de um período de traslação razoável.

(a) Tempo entre a conjunção da Lua e o ocaso com que começa o primeiro dia do mês.

(b) Neste caso o começo do mês teria ocorrido 1 h. 26 min. antes da conjunção (pelo que está acompanhado do sinal -).

TÁBUA Nº. 2

Kraeling 10

20 de adar = 8 de choiak do ano 3 de Artaxerxes II
(402 A. C.)

No ano 3º. régio de Artaxerxes II, segundo o cômputo egípcio, o dia 8 de choiak coincidiu com 9/10 de março (sS a sS) de 402 A. C. Então, o dia 20 de adar pôde ser 8/9 de março (pS a pS) ou 9/10 de março (pS a pS), e 1º. de adar pôde cair em 17/18 de fevereiro (pS a pS) com um período de traslação de 90 centésimos de um dia (21 horas, 36 minutos) ou em 18/19 de fevereiro (pS a pS) com um período de traslação de 1,90 dias (45 horas, 36 minutos) visto que a conjunção ocorreu em 16,85 de fevereiro (às 20,24).

Conclusões

Os resultados que se obtêm do estudo dos papiros de data dupla são muito orientadores. Não obstante, nem todos os documentos analisados até aqui podem ser empregados na reconstituição do calendário judaico do século V.

Vê-se claramente que dois dêles, AP 8 e AP 10 contêm erros, pois suas datas, pela forma em que se expressam, não se podem fazer concordar por nenhum método conhecido de computar. Não é seguro que as correções propostas sejam acertadas, especialmente para o papiro AP 8, pois a correção conduz a conclusões que estão em desacôrdo com uma intercalação regular, como a do ciclo de 19 anos.

Outros dois papiros, o Kraeling 14 e o AP 15, estão de tal forma danificados que grandes porções da linha da data foram reconstituídas sem a certeza de haver-se procedido de maneira correta. Devido a que as conclusões a que se chega dêste modo discrepam uma vez mais com o ciclo de 19 anos, mais seguro é não confiar nos resultados obtidos pela reconstituição das linhas da data.

Os documentos que contêm o número do dia, como a Estrêla Arenisca do Cairo, e o AP 20, e Kraeling 7, têm valor para apoiar o quadro geral,

mas não podem ser empregados para a reconstituição exata do calendário judaico.

Por outra parte, existe segurança de que se procedeu bem na reconstituição de outros documentos (AP 6 e Kraeling 2), e pode descobrir-se com facilidade o êrro do escriba, ao escrever payni em lugar de epiphi, no Kraeling 8. Por isso se torna válido o emprêgo dêstes três documentos como prova das conclusões a que se chega mais adiante.

A tábuia Nº. 2 apresenta uma comparação dos resultados alcançados pelo estudo dos numerosos papiros que podem empregar-se como prova razoavelmente digna de confiança. A tábuia contém para cada documento a data egípcia com sua equivalente do calendário juliano; a seguir dá o mês judaico com as duas possibilidades de equivalência do calendário juliano, a primeira data é correta se o documento foi escrito depois do pôr-do-Sol. Os períodos de traslação acrescentados indicam quanto tempo transcorreu desde a conjunção da Lua até à tarde do dia em que começou o primeiro dia do mês. As datas resultantes de um período de traslação razoável estão marcadas com asterisco.

A tábuia Nº. 2, demonstra que as seis datas, que chegam até ao papiro 14, terão períodos de traslação razoáveis unicamente se se supõe que foram escritas depois do pôr-do-Sol. As outras oito poderiam haver sido escritas durante as horas do dia. Cinco das datas marcadas com asterisco diferem, em um dia, das fornecidas pela "Cronologia Babilônia" de Parker e Dubberstein. Esta diferença de quase 35% pode explicar-se pelo fato de não ser possível conseguir exatidão total para as datas babilônias, pelos motivos já apresentados.⁽³³⁾

Entretanto, torna-se assombrosa a sua estreita harmonia com o calendário babilônio. Visto que

(33) Mediante um estudo dos documentos comerciais de escrita cuneiforme (desde Nabopolassar a Artaxerxes I) datados no dia 30 de vários meses, e que foram publicados, pode demonstrar-se cerca de 20% de inexactidão nas tábuas de Parker e Dubberstein. De 73 meses de 30 dias, efetivamente comprovados, a 15 dêles é atribuída a duração de apenas 29 dias nas tábuas de Parker e Dubberstein, em sua obra "Babylonian Chronology."

muitos períodos de traslação são mais baixos, existe a possibilidade de os judeus de Elefantina não terem confiado demasiado na observância da Lua crescente para determinar o começo de cada mês. Mas a escassez de nossa fonte material torna muito incerto se os judeus haviam produzido, através de longo período de experimentação e observação, um calendário fixo, em que os números dos dias já houvessem sido calculados de antemão. Os períodos de traslação comparativamente baixos possivelmente podem explicar-se pela circunstância de que o céu de Elefantina cobre-se de nuvens pouquíssimas vêzes, pelo que pode observar-se facilmente o quarto crescente da Lua logo que atinja a elevação de visibilidade mínima.

Infelizmente, os papiros não contêm o nome de nenhum mês intercalar, e ainda não estamos em condições de provar, como os eruditos judeus sempre têm afirmado, que os judeus empregavam unicamente um segundo adar, mas nunca um segundo elul. O AP 13 demonstra unicamente que não foi acrescentado um segundo elul no ano 446 A. C., contrariamente à "Cronologia Babilônia" de Parker e Dubberstein, que contêm um segundo *elulu* (34) sem confirmação. Enquanto esse *elulu* II babilônio permanecesse sem confirmação, o fato de que os judeus não empregavam um segundo elul durante esse ano, não é prova de que nunca o fizeram, embora pareça plausível a dedução de que lhes não agradava aumentar o intervalo entre as grandes festas de nisá e as de tishri.

Não obstante, uma fase importante destes papiros, é a prova que fornece o Kraeling 6 de que os judeus de Elefantina do século V utilizavam o calendário civil de outono a outono. Já que este papiro apoia as declarações de Neemias 1:1 e 2:1, o que confirma a existência de um tal calendário entre os judeus posteriores ao exílio, não há motivo para duvidar da exatidão da linha da data do Kraeling 6, pelo que deve repelir-se a alternativa de um erro cometido pelo escriba.

Estes papiros proporcionam material muito valioso para a reconstrução de algumas fases do calendário judaico da era pré-cristã, para a qual não existe outra fonte, exceto a da Bíblia, que é muito insuficiente. Contudo, o pequeno número de documentos disponíveis como testemunho não basta para chegar a conclusões irrefutáveis acerca de todos os aspectos de seu calendário lunar.

Entretanto, os descobrimentos recentes de fontes materiais adicionais, em que tiveram base as conclusões anteriores, permitem-nos abrigar a esperança de que em data próxima poderão ser preenchidos os claros existentes e possibilitada a reconstrução completa do sistema de calendário que os judeus antigos utilizavam.

(34) Parker e Dubberstein, *op. cit.*, pág. 30.

Bibliografia

Adcock, F. E., *Caesar's Dictatorship, The Cambridge Ancient History*, Vol. IX, editado por S. A. Cook, F. E. Adcock, e M. P. Charlesworth: Imprensa da Universidade, 1932, págs. 691-740.
Adeney, ver *The Expositor's Bible*.
Albright, William Foxwell, *From the Stone Age to Christianity*, 2ª. ed., Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1946, 367 págs.
The Gezer Calendar, *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, No. 92 (dezembro de 1943), págs. 13-26. *The American Ephemeris and*

Nautical Almanac, (Anuário). Washington: Imprensa Nacional, 1852-19.

Archer, Peter, *The Christian Calendar and the Gregorian Reform*, Nova York: Imprensa da Universidade de Fordham, 1941, 124 págs.

Belleli, L. *An Independent Examination of the Assuan and Elephantine Aramaic Papyri*, Londres: Luzac & Co., 1909, 204 págs.

Bickersteth, Edward, *A Practical Guide to the Prophecies*, reimpresso da 6ª. edição de Londres. Filadélfia: Orrin Rogers, 1841, 312 págs.

Bohl, Franz M. Th., síntese do livro de Gustaf Dalman, *Arbeit und Sitte Palästina*, Vols. I e II (Guttersloh: C. Beterlsmann, 1932, 33), págs. 245 e 246.

Bowman, Raymond A., *Arameans, Aramaic, and the Bible*, *Journal of Near Eastern Studies*, No. 7 (1948), págs. 65-90.

Briggs. Ver Brown.

Brown, Francis, Driver, S. R., e Briggs, Carlos A., *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament ... Based on the Lexicon of William Gesenius*, Oxford: The Clarendon Press, 1907, 1127 págs.

Buhl, Frants, *Wilhelm Gesenius' hebräisches und aramäisches Handwörterbuch über das Alte Testament*, reimpresso da 17ª. edição de Berlim: Springer-Verlag, 1949, 1013 págs.

Cameron, George G., *Darius and Xerxes in Babylon*, *The American Journal of Semitic Languages and Literatures*, No. 58 (1941), págs. 314-325.

Cary. Ver Gardner.

Cassius Dio Coceianus, *Dio's Roman History*, com uma tradução inglesa por Ernesto Cary, com base na versão de Herbert Baldwin Foster, 9 volumes. The Loeb Classical Library. Londres: W. Heinemann, 1914-1927.

Censorius, *De Die Natale* (O Dia de Natal), tradução de William Maude, Nova York: The Cambridge Encyclopedia Co., 1900, 40 págs.

Chabot, J. B., *Les papyri araméens d'Elephantine sont-ils faux? Journal Asiatique*, 10ª. série, No. 14 (1909), págs. 515-522.

Chambers, George F., *A Handbook of Descriptive and Practical Astronomy*, 4ª. edição, Vol. II: Oxford: The Clarendon Press, 1890.

Chronographus Anni CCCLIII, em *Chronica Minora*, Saec IV, V, VI, VII, Vol. I, editado por Theodoro Mommsen, *Monumenta Germaniae Historica, Auct. Ant.*, Vol. IX. Berlim: Weidman, 1892, págs. 13-196.

Clerke, Agnes Mary, *Astronomy: History of Astronomy*, *Encyclopaedia Britannica*, Vol. II (1945), págs. 581-590.

Commentary ... por bispos e outros clérigos. Ver La Santa Biblia.

Cook, S. A., *Chronology: II, The Old Testament, The Cambridge Ancient History*, Vol. I, editado por J. B. Bury, S. A. Cook, e F. E. Adcock, Nova York: The Macmillan Company, 1928, págs. 156-166.

Cowley, A., *Aramaic Papyri of the Fifth Century B. C.*, Oxford: The Clarendon Press, 1923, 319 págs.

Clory, George, *The Apocalypse of St. John*, 2ª. edição, revisada em Londres: C. & J. Rivington, 1828, 470 págs.

Cunninghame, William, *A Dissertation on the Seals and Trumpets of the Apocalypse, and the Prophetic Period of the Twelve Hundred and Sixty Years*, 3ª. edição, revisada em Londres: Thomas Cadell, 1832, 523 págs.

Curtis, Edward Lewis, e Madsen, Alberto Alonzo, *A Critical and Exegetical Commentary on the Books of Chronicles. The International Critical Commentary*, Nova York: Filhos de Carlos Scribner, 1910, 534 págs.

Delitzsch. Ver Keil.

Dinsmoor, William Bell, *The Archons of Athens in the Hellenistic Age*, Cambridge, Mass.: Imprensa da Universidade de Harvard, 1931, 567 págs.

Dio Cassius. Ver Cassius Dio.

Diodorus Siculus. *Diodorus of Sicily*, com uma tradução inglesa por C. H. Oldfather. The Loeb Classical Library. Londres: William Heinemann Ltd.; em preparo.

Dionysius Exiguus, *Liber de Paschate*, em *Dionysii Exigui (et al.) ... Opera Omnia. Patrologia Latina*, Vol. 67, editado por J. P. Migne, Paris, 1865, Cosl 493-508.

Driver. Ver Brown.

Dubberstein e Parker. Ver Parker.

Dugan. Ver Rusell.

Eusebius, *Chronici Canones*. Traduzido para o latim por Jerônimo. Editado por J. K. Fotheringham. Londres: Humphrey Milford, 1923, 352 págs.

The Expositor's Bible, editado por W. Robertson Nicoll, 26 volumes. Vol. VII: Ezra, Nehemiah, and Esther, por Walter F. Adeney. Nova York: A. C. Armstrong e Filho, 1908.

Faber, George Stanley, *A Dissertation on the Prophecies... Relative to the Great Period of 1260 Years*, 2 volumes. Londres: F. C. e J. Rivington, 1806.

Ferguson, James, *An Astronomical Lecture, on Eclipses of the Sun and Moon, the True Year of our Saviour's Crucifixion, the Supernatural Darkness at That Time, and the Prophet Daniel's Seventy Weeks*. Bristol: S. Farley, (1775).

Ferguson's *Astronomy, Explained Upon Sir Isaac Newton's Principles*. Com notas e capítulos suplementares por David Brewster, 2 volumes. Edimburgo: John Ballantyne e Cia., 1811.

Tables and Tracts, Relative to Several Arts and Sciences. Londres: A. Millar e T. Cadell, 1767, 328 págs.

Fessenden & Cia., *Encyclopedia of Religious Knowledge*, editada por J. Newton Brown. Brattleboro, Vt.: Brattleboro Typographic Company 1836, 1275 págs.

Figulla, H. H., *Ur Excavation Texts, IV; Business Documents of the New-Babylonian Period*. Publicações da expedição conjunta do Museu Britânico e do Museu da Universidade de Pensilvânia, Londres: Os sindicatos dos dois museus, 1949, 69 págs. e 65 ilustrações.

Fotheringham, L. K., *Calendar Dates in the Aramaic Papyri from Assuan, Monthly Notices of the Royal Astronomical Society*, Nº. 69 (1908-1909), págs. 12-20.

Note on the Reignal Years in the Elephantine Papyri, Idem, págs. 446-448.

A Reply to Professor Ginzel on the Calendar Dates in the Elephantine Papyri, Idem, 71 (1911), págs. 661-663.

Freeman, Douglas Southall, *George Washington: A Biography*, Vol. I. Nova York: Filhos de Carlos Scribner, 1948.

From, Le Roy E., *The Prophetic Faith of Our Fathers*, Vol. III. Washington: Review and Herald, 1946.

Fuerst, Julius, *A Hebrew and Chaldee Lexicon to the Old Testament*, 3ª edição, tradução revisada por Samuel Davidson. Leipzig: Bernhard Tauchnitz, 1867, 1511 págs.

Gardiner, Alan H., *Egyptian Grammar*, Oxford: The Clarendon Press, 1927, 595 págs.

Gardner, E. A., e Cary, M., *Early Athens, The Cambridge Ancient History*, Vol. III, edição de J. B. Bury, S. A. Cook, e F. E. Adcock. Cambridge: A Imprensa da Universidade, 1929, págs. 571-597.

Gellius, Aulus, *The Attic Nights of Aulus Gellius*, com uma tradução inglesa por John C. Rolfe, Vol. I. The Loeb Classical Library. Londres: William Heinemann, 1927.

Gerard, John, *Chronology, The Catholic Encyclopedia*, Vol. III (1908), págs. 738-742.

Gesenius. Ver as referências sobre Brown, Buhl e Tregelles.

Ginzel, F. K., *Handbuch der mathematischen und technischen Chronologie*, 3 volumes. Leipzig: J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1906-1914.

Spezieller Kanon der Sonnen und Mondfinsternisse. Berlin: Mayer & Müller, 1898, 258 págs.

Gutesmann, S., *Sur le Calendrier en usage chez les Israélites au Ve. siècle avant nôtre ère*, *Revue des études juives*, Nº. 53 (1907), págs. 194-200.

(Hale, Apollos). *Diagram Exhibiting the Events of Prophecy*, e correção posterior em *The Advent Herald*, Nº. 7 (1844), págs. 23 e 77.

Hales, William, *A New Analysis of Chronology and Geography, History and Prophecy*, 2ª edição, 4 volumes. Londres: C. J. G. & F. Rivington, 1830.

Harris, Zellig, *A Grammar of the Phoenician Language*, Vol. VIII; *American Oriental Series*. Editado por W. Norman Brown e outros. Nova Haven, Conn.: American Oriental Society, 1936.

Haydn's *Dictionary of Dates*, 17ª edição. Editado por Benjamin Vincent. Nova York: Harper & Irmãos, 1883, 796 págs.

Die Heilige Schrift des Alten Testaments. Edita-

do por E. Kautzsch; 4ª edição, 2 volumes. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1922 e 1923.

Hicks, Frederick C., *Materials and Methods of Legal Research*, 3ª edição revisada. Rochester, Nova York: The Lawyers Cooperative Publishing Company, 1942, 659 págs.

Holscher. Ver *Heilige Schrift*.

The Holy Bible... With an Explanatory and Critical Commentary... por bispos e outros clérigos da igreja anglicana. Editado por F. C. Cook. 12 volumes. O Vol. III, *II Kings-Esther*, por George Rawlinson. Nova impressão. Londres: John Murray, 1900.

Honroth, W. Rubensohn, O., e Zucker, F. *Bericht über die Ausgrabungen auf Elephantine in den Jahren 1906-1908*, *Zeitschrift für ägyptische Sprache*, Nº. 46 (1909-1910), págs. 10-61.

Hontheim, P. J., *Die neuentdeckten jüd. aram. Papyri von Assuan*, *Biblische Zeitschrift*, 5 (1907), págs. 225-234.

The International Critical Commentary. Ver as referências de Curtis e Skinner.

Jones, Charles W., *Development of the Latin Ecclesiastical Calendar*, em sua edição de Bedae Opera de Temporibus, Cambridge, Mass.: The Mediaeval Academy of America, 1943, págs. 1-122.

Jones, H. Stuart, *The Sources for the Tradition of Early Roman History, The Cambridge Ancient History*, Vol. VII. Editado por S. A. Cook, F. E. Adcock, e M. P. Charlesworth. Cambridge: Imprensa da Universidade, 1928, págs. 312-332.

Last Hugh, *The Early Republic*, Idem, págs. 336-384.

Josephus, Flavius, *Josephus*, com uma tradução inglesa por H. St. J. Yhakeray (e outros). The Loeb Classical Library. Cambridge, Mass.: Imprensa da Universidade de Harvard. (Em preparo.)

Justinus, *Justin's History of the World*. Traduzido por T. Brown, 2ª edição. Londres: John Matthews, 1713, 408 págs.

Kalisch, M. M., *A Historical and Critical Commentary on the Old Testament*, 26 volumes. Edimburgo: T. e T. Clark, 1857-1876.

Kittel, Rud., *Geschichte des Volkes Israel*, Vol. III. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1929.

Knobel, E. B., *Note on the Reignal years in the Aramaic Papyri from Assuan, Monthly Notices of the Royal Astronomical Society*, Nº. 69, (1908-1909), págs. 8-11.

A Suggested Explanation of the Ancient Jewish Calendar Dates in the Aramaic Papyri Translated by Professor A. H. Sayce and Mr. A. E. Cowley, Idem, 68 (1907-1908), págs. 344 e 345.

Kraeling, Emil G., *The Brooklyn Museum Aramaic Papyri*, 2 volumes. Nova York: The Brooklyn Museum, 1953. (Em preparo.)

New Light on the Elephantine Colony, The Biblical Archaeologist, Nº. 15 (1952), págs. 50-67.

Kugler, Franz X. *Sternkunde und Sterndienst in Babel*, 3 volumes. Münster: Aschendorfsche Verlagsbuchhandlung, 1907-1935.

Langdon, S. *Babylonian Menologies and the Semitic Calendars*. Londres: Humphrey Milford, 1953, 169 págs.

Lange, John Peter, e outros. *A Commentary on the Holy Scriptures*. Traduzido e editado por Felipe Schaff e outros. 25 volumes. Nova York: Filhos de Carlos Scribner, 1865-1915.

Last, Jones e... Ver Jones.

Lehmann, C. F. e Ginzel, F. K., *Die babylonische-Syrischen Finsternisse, em Spezieller Kanon der Sonne- und Mondfinsternisse*, de F. K. Ginzel, divisão 5ª., 3ª. parte, págs. 235-262. Berlin: Mayer & Müller, 1899.

Lods, Adolphe, *Israel From Its Beginnings to the Middle of the Eighth Century*. Traduzido por S. H. Hook. Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Ltd., 1932, 512 págs.

Luckenbill, Daniel D., *Ancient Records of Assyria and Babylonia*, 2 volumes. Chicago: Imprensa da Universidade de Chicago, 1926-1927.

Madsen. Ver Curtis.

Mahler, Ed., *Die Doppeldaten der aramäischen Papyri von Assuan, Zeitschrift für Assyriologie*. Nº. 26 (1912), págs. 61-76.

Handbuch der jüdischen Chronologie. Leipzig: Gustav Fock, 1916, 635 págs.

Mercer, Samuel A. B., *Sumero-Babylonian Year-Formulae*. Londres: Luzac & Cia., 1946, 121 págs.

Meyer, Eduard, *Aegyptische Chronologie, Abhandlungen der Königlichen Preussischen Akademie der Wissenschaften, Phil.-Hist. Klasse, Berlin, 1904, 1ª. parte, págs. 1-212.*

Nachträge zur ägyptischen Chronologie, Abhandlungen der Königlichen Akademie der Wissenschaften, Phil.-Hist. Klasse, 1907, 3ª. parte, págs. 1-46.

Müller, William, *Evidence From Scripture (sic) and History of the Second Coming of Christ, About the Year 1843.* Troy (N. Y.): Kemble & Hooper, 1836, 223 págs.

The Mishmah. Traduzido por Herbert Danby. Londres: Imprensa da Universidade de Oxford, 1944, 844 págs.

Neugebauer, O., Die Bedeutungslosigkeit der 'Sothisperiode' für die älteste ägyptische Chronologie, *Acta Orientalia*, No. 17 (1938), págs. 169-195.

The Origin of the Egyptian Calendar, *Journal of Near Eastern Studies*, No. 1 (1942), págs. 396-403.

Neugebauer, Paul V., e Weidner, Ernst F., Ein Astronomischer Beobachtungstext aus den 37º. Jahre Nebukadnezars II. (-567/66), Bericht über die Verhandlungen der Königl. Sächsischen Gesellschaft der Wissenschaften zu Leipzig, Phil.-Hist. Klasse, No. 67 (1915), 2ª. parte, págs. 29-89.

Newton, Isaac, *The Chronology of Ancient Kingdoms Amended.* Londres: J. Tonson, J. Osborn, e T. Longman, 1728, 376 págs.

Newton, Thomas, *Dissertations on the Prophecies.* Northampton, Mass.: William Butler, 1796, 591 págs.

Nichol, Francis D., *The Midnight Cry.* Washington: Review and Herald Publishing Association, 1944, 560 págs.

Oesterley, W. O. E., e Robinson, Theodore H., *A History of Israel*, 2 volumes. Oxford: The Clarendon Press, 1934.

Olmstead, A. T., *History of the Persian Empire.* Chicago: Imprensa da Universidade de Chicago, 1943, 576 págs.

Oppolzer, Theodor von, *Kanon der Finsternisse.* Denkschrift der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften, Math.-Naturwissensch. Klasse, Vol. LII. Viena: K. K. Hof- und Staatsdruckerei, 1887, 376 págs., 160 ilustrações.

Szyzgien-Tafeln für der Mond. Publikation der astronomischen Gesellschaft, No. 16. Leipzig: Wilhelm Engelmann, 1881, págs. 48-53.

Parker, Richard A., *The Calendars of Ancient Egypt. Studies in Ancient Oriental Civilization*, No. 26. Chicago: Imprensa da Universidade de Chicago, 1950, 83 págs.

Persian and Egyptian Chronology, *The American Journal of Semitic Languages and Literatures*, No. 58 (1941), págs. 285-301.

Dubberstein, Waldo H., *Babylonian Chronology*, 626 B. C.-A. D. 45. *Studies in Ancient Oriental Civilization*, No. 24, 2ª. edição, Chicago: Imprensa da Universidade de Chicago, 1946, 46 págs.

Pauly-Wyssowa, *Realencyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft.* Stuttgart: J. B. Metzlerische Verlagsbuchhandlung. (Em preparo).

Pfeiffer, Robert H., *Introduction to the Old Testament*, 2ª. edição, Nova York: Harper e Irmãos, 1948, 909 págs.

Pliny (Plinius Secundus), *Natural History*, com uma tradução em inglês por H. Rackham (e outros). The Loeb Classical Library, Cambridge, Mass.: Imprensa da Universidade de Harvard. (Em preparo).

Plutarco, *Morall*, com uma tradução inglesa por Frank Cole Rabbitt (e outros). The Loeb Classical Library. Cambridge, Mass.: Imprensa da Universidade de Harvard. (Em preparo.)

Plutarch's Lives, com uma tradução inglesa por Bernadotte Perrin. 11 volumes. The Loeb Classical Library. Cambridge, Mass.: Imprensa da Universidade de Harvard, 1915-1926.

Poebel, Arno., *The Duration of the Reign of Nebuchadnezzar III and Nebuchadnezzar IV*, *The American Journal of Semitic Languages and Literatures*, No. 56 (1939), págs. 121-145.

Pognon, H., *Chronologie des papyrus araméens d'Elephantine*, *Journal Asiatique*, 10ª. série, Vol. XVIII (1911), págs. 337-365.

Poole, Reginald L., *Mediaeval Reckonings of Time*, Londres: Society for Promoting Christian Knowledge, 1935, 47 págs.

Ptolomeu (Claudius Ptolomaeus), *The Almagest.* Traduzido por R. Catesby Tyliaferro. Great Books of the Western World, Vol. XVI. Editado por John

Maynard Hutchins e Mortimer J. Adler, Chicago: Encyclopaedia Britannica, Inc., 1952. Págs. VII-XIV, 1-478.

The Pulpit Commentary. Editado por H. D. M. Spence e José S. Exell. Nova Edição, 52 volumes, Londres: Funk & Wagnalls Co., (n. d.)

Rawlinson. Ver La Santa Biblia.

Rose, H. J. *Calendar: Greek, Roman*, *Encyclopaedia Britannica*, Vol. IV (1945), págs. 578-579.

Rowley, H. H., *The Servant of the Lord and Lutterworth Press*, 1952, 327 págs.

Russell, Henry Norris, Dugan, Raymond Smith, Stewart, John Quinzy. *Astronomia: A Revision of Young's Manual of Astronomy*, 2 volumes. Boston: Ginn & Cia., 1945.

Sachau, Eduard, *Aramäische Papyrus und Ostraka aus einer jüdischen Militär-Kolonie zu Elephantine*, Leipzig: J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1911, 290 págs. e fac-símiles

Sayce, A. H. e Cowley, A. E., *Aramaic Papyri Discovered at Assuan.* Londres: Alexander Moring Ltda., 1906, 79 págs. e fac-símiles do papiro.

Escaligero, José, *Opus de Emedatione Temporum.* Edição rev. Génova: Typis Roverianis, 1629, 784 págs.

Schurer, E., *Bock review of Aramaic Papyri Discovered at Assuan.* Editado por A. H. Sayce com a ajuda de A. E. Cowley. (Londres, A. Moring, 1906), *Theologische Literaturzeitung*, No. 32 (1907), cols. 1-7.

Der jüdische Kalendar nach den aramäischen Papyri von Assuan. Nachtrag zu der Anzeige in Nr. 1, *Idem*, cols. 65-69.

Sidersky, D., *Le Calendrier sémitique des papyri araméens d'Assouan*, *Journal Asiatique*, 10ª. série, Vol. XVI (1910), págs. 587-592.

Skinner, John, *A Critical and Exegetical Commentary on Genesis.* The International Critical Commentary. Nova York: Filhos de Carlos Scribner, 1910, 551 págs.

Slotki. Ver *Soncino Books of the Bible.*

Smith, Sidney, *The Age of Ashurbanipal*, *The Cambridge Ancient History*, Vol. III. Editado por J. B. Bury, S. A. Cook e F. E. Adcock. Cambridge: Imprensa da Universidade, 1929, págs. 88-112.

The Foundation of the Assyrian Empire, *Idem*, págs. 1-31.

Smyly, J. Gilbert, *An Examination of the Dates of the Assuan Aramaic Papyri*, *Proceedings of the Royal Irish Academy*, Vol. XXVII, secção C (1908-1909), págs. 235-250.

Snow, S. S., *Prophetic Time*, *The Advent Herald*, No. 7, (1844), págs. 68 e 69.

Soncino Books of the Bible, editado por A. Cohen, 14 volumes. O Vol. XII, Daniel, Ezra e Nehemiah, por Judah Slotki. Londres: The Soncino Press, 1951.

Sprengling, M., *Chronological Notes from the Aramaic Papyri*, *The American Journal of Semitic Languages and Literatures*, No. 27 (1911), págs. 233-266.

Strassmaier, J. N., *Einige chronologische Daten aus astronomischen Rechnungen*, *Zeitschrift für Assyriologie*, No. 7 (1892), págs. 197-204.

Zur Chronologie der Seleuciden, *Idem*, No. 8 (1893), págs. 106-113.

Inschriften von Cambysses, König von Babylon, partes 8 e 9 do *Babylonische Texte*. 12 partes. Leipzig: Verlag von Eduard Pfeiffer, 1890.

Talmud, The Babylonian. (Tradução inglesa de Soncino.) Editado por I. Epstein, 34 volumes. Londres: Soncino Press, 1935-1948.

Thatcher, G. W., *Arabic Grammar*. 4ª. edição. Londres: Lund Humphries & Co. Ltd., 1942, pág. 461.

Tucidides, *Thucydides*, com uma tradução inglesa por Carlos Foster Smith, 4 volumes. The Loeb Classical Library. Londres: William Heinemann Ltd., 1930-1935.

Torrey, C. C., *Sanballat "the Honorite"*, *Journal of Biblical Literature*, No. 47 (1928), págs. 380-389.

Tregelles, Samuel Prideaux, *Genesis Hebrew and Chaldean Lexicon to the Old Testament Scriptures*, Nova York: John Wiley e Filhos, 1905, pág. 584.

Ungad, (Arthur), *Eponymen, Reallexikon der Assyriologie*, Vol. II (1938), págs. 412-457.

Vogue, M. Le Marquis (Melchior) de, *Inscription araméenne trouvée en Egypte, Comptes rendus des séances de L'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 3 de julho, 1903, págs. 269-276, e ilustração.

Wade-Gery, H. T., *Chronological Notes*, 3ª. parte.

Em Que Consiste a Verdadeira Religião — II

O CAPITULO 58 de Isaías começa com um pregão, feito com voz semelhante ao somido de uma trombeta. Sua mensagem é dirigida ao “Meu povo”, “à casa de Jacó”. É uma mensagem dirigida à igreja, e não ao mundo. E é-o para toda a igreja, inclusive os obreiros. Por outra parte, existe um paralelo definido entre os dias de Isaías e nossos próprios dias, no tocante à condição da igreja.

Ao ser recebida essa mensagem divina, a igreja estava cumprindo um programa digno de elogio. Diz Ele ao Seu povo:

1. “Me procuram cada dia”. *Observamos a devoção matinal.*
2. “Tomam prazer em saber os Meus caminhos”. *Instamos a estudo fiel de nossas lições da escola sabatina.*
3. Constituem “um povo que pratica a justiça”. *Quanto nos agrada ter parte nas várias atividades e campanhas da igreja!*
4. “Não deixa a ordenança do seu Deus”. *Dar os dízimos e cumprir as demais normas da igreja chega a ser um deleite.*
5. “Perguntam-Me pelos direitos da justiça”. *Os Dez Mandamentos são-nos a norma da vida.*
6. “Têm prazer em se chegar a Deus”. *As reuniões de obreiros e os Congressos para jovens e leigos, são uma parte vital de nossa atividade.*
7. “Jejuamos... e afligimos nossas almas.” *O jejum, a prática da reforma pró-saúde e a estrita temperança distinguem-nos dos demais.*

Realmente, é um programa digno de elogios! Mas alguma coisa há que está mal, radicalmente mal. Na escassez dos resultados é vista a falta de pujança de nosso serviço para Deus, e isso apesar de um programa muito ativo e louvável. No diálogo de Isaías o povo expressa assombro porque, não obstante sua diligência e fidelidade, muito poucos eram os sinais da aprovação divina.

Aplicando a nós mesmos a declaração precedente, somos nós suficientemente valorosos para cumprir tudo quanto abrange? Todo obreiro fiel se comove em seu foro íntimo ao contemplar as muitas promessas da Bíblia e do Espírito de profecia, promessas que certamente se aplicam a nós, hoje, e vê-lhes o pouco cumprimento.

Havia-se Perdido a Religião do Coração

Nos dias de Isaías tudo era uma vívida demonstração de atividade religiosa, mas quase em sua totalidade era algo externo; uma espécie de solenidade afetada, uma seriedade hipócrita. Cada homem inclinava a cabeça, ao passo que o seu coração permanecia frio e insensível “como o junco”. Durante todas essas cerimônias e observâncias, prosperava o egoísmo. Mais do que isto, em realidade eram opressores de seus concidadãos e especialmente de seus servos. Eram exigentes e rixosos no trato mútuo.

A esperança deles parecia estribar-se em converter aqueles dias especiais de reunião e a observância dos ritos religiosos — sem lugar para dúvidas, em si mesmas boas — em “um substituto dos deveres de justiça e bondade; uma expiação pelos pecados de injustiça e opressão; um substituto que Deus aborrecia!” Não obstante, esperavam apressar a vinda do reino messiânico por meio do jejum e da oração. Mas Deus lhes revelou que em primeiro lugar necessitavam de uma reforma moral.

Como aqueles adoradores de antanho, também nós falamos de apressar a vinda de nosso Senhor. Demasiado amiúde o ideal chega a ser um lema que permite realizar esforços evangélicos maiores e melhores, promover campanhas, e dar e receber meios. Coisas boas, por certo, sempre que nosso coração seja verdadeiramente fiel a Deus e aos demais. Se o antigo Israel carecia de que se lhe recordasse a contínua e diária necessidade de reforma moral, necessitamos menos nós?

“O que Deus almeja de ti e de mim, não são certas formas, serviços, emoções, o ato de orar, ou coisas semelhantes; o que pede é a renovação de toda a natureza: do homem interior e exterior. Rechassemos o pensamento que obceca tantas pessoas, de que a obra de Cristo é um plano hábilmente ideado com o objetivo de que os seres humanos alcancem o Céu sem a justiça [sem fazer o que é reto]. Entretanto, é um plano divinamente simples e, não obstante, maravilhosamente triunfante de fazer aos seres humanos, não somente por poder ou imputação, mas em si mesmos e de fato, santos, puros, semelhantes a Deus e idôneos para o Céu.” — J. Ogle, citado em *Burton Bible Work*, [1894] Vol. VIII, pág. 330.

Que Produz a Religião Genuína?

Que produz esta religião verdadeira, este amor, compaixão e ardor da simpatia humana? Que nos transformará a vida indiferente e morna? Clara é a resposta. Devemos apresentar a nosso povo “a verdade... novamente em sua simplicidade.” (*Welfare Ministry*, pág. 77.) E esta simplicidade deve estar relacionada com a simplicidade da vida de Cristo. Em comentário do capítulo 58 do livro de Isaías, diz a mensageira do Senhor: “Aí se expõe o próprio espírito e caráter da obra de Cristo.” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 202.

Freqüentemente nos lembramos de que Jesus passou mais tempo curando do que pregando, e

The Cambridge Ancient History, Vol. III. Editado por J. B. Bury, S. A. Cook, e F. E. Adcock. Cambridge: Imprensa da Universidade, (1929), págs. 762-764.

Weidner, Ernst., *Der altassyrische Kalender, Archiv für Orientforschung*, N.º 5 (1928-1929), págs. 184 e 185.

Aus den Tagen eines assyrischen Schattenkönigs, *Idem*, N.º 10 (1935 e 1936), págs. 1-52.

Wellhausen, Julius, *Prolegomena to the History of Israel*. Traduzido por J. B. Black e Allan Menzies. Edimburgo: Adam & Arlos Black, 1885, 552 págs.

Wood, Lynn H., *The Kahun Papyrus and the Date of the Twelfth Dynasty (With a Chart)*, *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, N.º 99 (outubro 1945), págs. 5-9.

Zucker. Ver **Honroth**.

Fim.

isso é verdade. Mas ainda mais enfática é esta outra declaração: "A obra principal de Cristo consistiu em atender ao pobre, ao necessitado e ao ignorante." — *Welfare Ministry*, pág. 59. Não descurou os ricos, os instruídos, os dirigentes da sociedade; mas Sua obra principal, fazia-a com as outras classes. Seu coração transbordava de ternura e compaixão à medida que atendia às necessidades da humanidade sofredora. Foi isto o que Lhe deu tanta influência em tôdas as classes sociais? *Foi isto que tornou tão diferentes os Seus sermões?*

Se quisermos encarar o problema honestamente, não deveremos decidir-nos a passar mais tempo com êsses grupos que enfrentam mais arduamente os problemas econômicos da vida? Por que limitar os esforços da igreja, evangélicos e sociais, às chamadas pessoas de bem, às melhores classes? Perdemos muito ao deixarmos de estabelecer contato com êsse setor da humanidade que dia a dia enfrenta a pobreza, a enfermidade, a falta de propósitos e a enlouquecedora monotonia da vida.

A luz divina "romperá como a alva" e a nossa "cura apressadamente brotará" quando partilharmos das tristezas e sofrimentos dos oprimidos. "A glória do Senhor" será vista sobre o Seu povo, e chegaremos ao lugar em que o "Senhor... responderá" às nossas orações. "As riquezas das nações" afluirão à igreja quando repartirmos nosso pão com o faminto. Em resposta à nossa busca de Deus e clamor a Ele, ouvi-Lo-emos dizer: "Eis-Me aqui."

Deus nos exorta como obreiros, individualmente ocupados em Sua causa, a "soltar as ligaduras da impiedade", "a desfazer as ataduras do jugo" e "a deixar livres os quebrantados". Devemos "despedaçar todo o jugo", e "recolher em casa os pobres desterrados", bem como vestir o nu e indigente. Não é esta uma obra que deva ser feita por determinado departamento da igreja, mas por *todo membro*. Será, então, vista a luz que "nascerá nas trevas"; então seremos "como um jardim regado", e nossa própria alma será refrigerada "em tempos de sequidão."

Isto nos não desvia de nosso plano mundial de evangelização; pelo contrário, é evangelismo ativo. A igreja que palpita com o espírito da verdadeira caridade e que exulta de amor e simpatia, é a mais nobre expressão da religião genuína. Nenhum outro método nas relações públicas pode igualar-se a êste que foi demonstrado em uns poucos lugares. Em pouco tempo se fizeram pesquisas, não uma nem duas, mas centenas e milhares, acerca dos princípios de fé seguidos por essa espécie de cristãos. Seguindo êste procedimento, duplicar nosso número de membros seria um processo simples. Então, que aconteceria com a apostasia? Com exceção dos inimigos da cruz de Cristo, quem desejaria renegar tais pessoas?

Certa manhã de domingo, falando em Oklahoma, E. U. A., um pastor dos irmãos Menonitas, que são fervorosos crentes da religião prática, mencionou à sua congregação que um articulista escrevera que o que os Estados Unidos necessitavam era de uma nova religião. Mas, acrescentou, esperava que ninguém fizesse nada imprudentemente, sem que houvesse provado a antiga.

O que o mundo busca é uma igreja inflamada

do amor de Cristo, que Lhe reflita a luz e revele a vida. Quando o Verbo Se fêz carne e habitou entre os homens, êstes contemplaram a glória de Deus, não como um halo especial que ornasse a cabeça do Salvador, mas em Sua piedade e inesgotável amor. E o mundo espera ver isso uma vez mais. No passado usamos o capítulo 58 de Isaías para mostrar a obra que, nos últimos dias, faria a reforma do sábado. E está bem; mas a reforma do coração deve ser efetuada antes que a do sábado. Nesse capítulo é dada a maior das ênfases ao ministério do amor e da caridade, sendo o sábado um símbolo da verdadeira vida reformada. "Porque Aquêle que entrou no Seu repouso, Ele próprio repousou de Suas obras, como Deus das Suas." (Heb. 4:10.)

Algumas das numerosas declarações do Espírito de profecia serão suficientes para demonstrar o lugar vital que ocupa êste capítulo na mensagem divina para os últimos dias.

"A obra especificada nestas palavras [Isa. 58] é a obra que Deus quer que Seu povo faça. É uma obra designada pelo próprio Deus. Juntamente com a tarefa de vindicar os mandamentos de Deus..., devemos misturar compaixão pela humanidade sofredora." — *Welfare Ministry*, pág.32. (Grifo nosso.)

"Quem faz demonstrações práticas de sua caridade por sua simpatia e atos compassivos para com o pobre, o sofredor e o desventurado, não só alivia os que sofrem, mas contribui em grande medida para sua própria felicidade e está no caminho de assegurar a saúde do corpo e da alma." — *Testimoneis*, Vol. IV, pág. 60.

"Esta é a obra especial que agora temos perante nós... Nosso dever está claramente exposto." — *Testimonies*, Vol. II, pág. 34. (Grifo nosso.)

"Há necessidade de nobre simpatia, grandeza de alma e caridade desinteressada. Então a igreja pode triunfar em Deus... Deveria estudar-se o jejum de que fala Isaías." — *Idem*, Vol. III, pág. 519. (Grifo nosso.)

"Êste ministério, quando devidamente cumprido, trará ricas bênçãos à igreja". — *Test. Sel.* [Edição mundial], Vol. II, pág. 503.

"Tudo quanto o Céu contém está à espera para ser sacado por cada alma que trabalhe com Cristo. Quando os membros de nossa igreja encretarem individualmente o trabalho que lhes é indicado, serão circundados por uma atmosfera totalmente diversa. Seus labôres serão acompanhados de bênção e poder. Experimentarão mais elevado cultivo de espírito e coração. O egoísmo que lhes atava a alma será vencido. Sua fé será um princípio vivo. Serão mais fervorosas as orações. A vivificante e santificadora influência do Espírito Santo será derramada sobre êles, e serão levados mais perto do reino de Deus." — *Idem*, pág. 505.

"Quando as nações se reunirem diante d'Ele, não haverá senão duas classes, e seu destino eterno será determinado pelo que houverem feito ou negligenciado fazer por Ele na pessoa dos pobres e sofredores." — *O Desejado*, pág. 477.

Ao analisarmos estas declarações, vemos claramente o que significa a verdadeira religião, e com as promessas de Isaías 58 em mente, podemos perguntar-nos: É êste o caminho que conduz ao genuíno reavivamento e à chuva serôdia? — *The Ministry*, set^o. de 1955.

A Última Etapa

DELFIN G. GOMES

Diretor do Departamento de Publicações da
União Incalca

QUANTAS vezes os homens que têm a pesada responsabilidade de ter sob sua direção uma quantidade, grande ou pequena, de obreiros do Senhor, ou que lhes haja sido confiado o cuidado e progresso das ovelhas e cordeiros de uma ou mais igrejas, se sentem desfalecer ao comprovar que algum desses colaboradores ou irmãos pagam com ingratidões ou deslealdades os desvelos e cuidados de seus guias.

Quantas vezes os guias choram a sós com seu Senhor ao comprovarem o pouco zelo de seus colaboradores nos interesses do Senhor, o descuido das coisas sagradas, o relaxamento no cumprimento do dever, o pouco valor e seriedade concedidos a esta verdade preciosa, as palavras frívolas, graças não condizentes com a ética cristã, falta de colaboração, respeito e amor.

Quantas vezes os guias ficam abatidos ao comprovarem que, por desleixo nas coisas sagradas, pela negligência no cumprimento do dever, por causa da incredulidade e da frivolidade, por motivo do orgulho e da presunção, a obra não progride.

Além de todos estes obstáculos e outros muitos que poderíamos mencionar, os guias são surpreendidos porque algum companheiro de trabalho caiu em pecado. Sei, por experiência própria, que o coração dos guias desfalece porque diante deste quadro se lhes escoia o tempo precioso em solucionar problemas surgidos desnecessariamente. Sei que muitas vezes repetimos em nosso íntimo com Alfredo R. Buffano, em sua poesia "Balada da Humanidade":

Ai, quantas vezes nesta vida de cidadão
Trocar quisera pela existência das campinas
Trocar minha roupa por um humilde traje aldeão
E estes afãs por um ser labrego de boas vinhas.

Não teríamos adiantado muito se somente esboçássemos este quadro sem apresentar-lhe a solução. A este artigo intitulamos "A Última Etapa". Desde tenra idade, nosso Senhor, nosso Guia-Mor, Se propôs percorrer a estrada que o Pai Lhe traçara neste mundo, para salvar os pecadores. Para percorrê-la, tinha que apegar-Se à palavra do Pai e não desviar-Se nem para a direita nem para a esquerda. O caminho era escabroso e difícil, muito difícil. Os homens haviam-se alheado tanto, tanto do conhecimento do Deus do Sinai que até parecia impossível familiarizá-los novamente com os princípios de justiça e retidão do Pai Eterno. Não obstante, o Mestre começou a percorrer o caminho traçado, aferrando-Se às promessas do Pai. Momentos houve de muita angústia para o Salvador, ao ver não apenas a incredulidade de Seu povo, mas também a rudeza, incredulidade e falta de cooperação dos discípulos.

Não entrarei nos pormenores do escabroso que era o caminho para nosso Guia-Mor, pois bem conhecidos são de Seu povo; mas ao chegar à última etapa da estrada, a senda tornou-se tão escabrosa

que o próprio Salvador pensou que Lhe não seria possível chegar ao fim.

"Ao aproximar-Se do jardim, os discípulos notaram a mudança que se operara em seu Mestre. Nunca dantes O tinham visto tão indizivelmente triste e silencioso. À medida que avançava, mais se aprofundava essa estranha tristeza; todavia, não ousavam interrogá-Lo quanto à causa da mesma. Seu corpo cambaleava como se estivesse prestes a cair. Ao chegarem ao jardim, os discípulos, ansiosos, procuraram o lugar habitual do retiro do Mestre, para que descansasse. Cada passo que dava agora, fazia-o com extremo esforço. Gemia alto, como sob a opressão de terrível fardo. Por duas vezes os companheiros O sustiveram, do contrário teria tombado por terra... Sentindo quão terrível é a ira de Deus contra a transgressão, exclama: 'A Minha alma está profundamente triste até à morte.'" — *O Desejado de Todas as Nações*, pag. 513.

Nosso Guia-Mor estava triste até à morte por saber que a última etapa era quase impossível de percorrer-se. Para o Senhor não era surpresa o que O esperava nessa última etapa. Orando e gemendo até que o sangue Lhe brotou dos poros, foi buscar alívio entre Seus amigos, entre Seus discípulos, entre os companheiros que Ele próprio buscara para realizar a obra de que o Pai O incumbira. Foi buscar consolo entre aqueles a quem garantiria que tinham o nome escrito nos livros do Céu. Quando os humanos sofrermos por alguma causa, sentimos consolo quando alguém participa de nossa dor; mas, que estavam fazendo os amigos de nosso Guia-Mor? Dormiam; não se preocupavam muito de colaborar na obra do Mestre. Eram negligentes, incrédulos, egoístas, orgulhosos; a glória deste mundo interessava-lhes mais do que os interesses sagrados e eternos: faziam o que nós mesmos fazemos.

Por terceira vez o Salvador caiu por terra; "sô-zinho teve que pisar o lagar". Nenhum de Seus amigos, nem um único de Seus discípulos e companheiros de trabalho participou da dor do Mestre. Um anjo teve que ser enviado do Céu a fim de consolar o Filho de Deus e animá-Lo para percorrer a última etapa. "Quando o misterioso cálice tremia nas mãos do Sofredor, abriu-se o Céu, refulgiu uma luz por entre a tempestuosa treva da hora da crise, e o poderoso anjo que se acha na presença de Deus, ... veio para ao pé de Cristo. O anjo não veio para tomar-Lhe o cálice das mãos, mas para fortalecê-Lo a fim de que o bebesse, com a certeza do amor do Pai. Veio para dar força ao divino-humano Suplicante. Ele Lhe apontou os Céus abertos, falando-Lhe das almas que seriam salvas em resultado de Seus sofrimentos. ... Disse-Lhe que Ele veria o trabalho de Sua alma, e ficaria satisfeito, pois contemplaria uma multidão de membros da família humana salvos, eternamente salvos."

"A agonia de Cristo não cessou, mas Sua de-

pressão e desânimo O deixaram. A tempestade não amainou de maneira alguma mas Aquêle que dela era objeto estava fortalecido para lhe enfrentar a fúria. Saiu calmo e sereno. Uma paz celestial pairava-Lhe no rosto manchado de sangue. Suportara aquilo que criatura humana alguma jamais poderia sofrer; pois provara os sofrimentos da morte por todos os homens." — *Idem*, pág. 518.

Jesus sabia o que O esperava: seria abandonado de Seus amigos e traído por um deles. "Então todos os discípulos, deixando-O, fugiram." Mais tarde, um discípulo, amigo do Senhor, disse: "Não conheço tal homem." Que coisas tremendas teve que suportar nosso Mestre e Senhor! Traição, abandono, negação. Tudo isto da parte de Seus discípulos e amigos, de Seus companheiros de trabalho. Daqueles homens que havia tirado do lodaçal do pecado, dos que ensinara a louvar a Deus, em lugar de blasfemar, daqueles homens a quem dissera: "Alegrai-vos. . . por estarem os vossos nomes escritos nos Céus." Comentando o que aconteceu ao Salvador com Seus amigos, uma alma agradecida escreveu um hino que diz:

Para o Gólgota cruel
Sob o látego infiel
Ao cume do monte chegou.
Até o Sol se apagou.
E a terra estremeceu,
Seus temerosos amigos perdeu.
A dor dos cravos, estóico, sofreu
Pois Sua angústia era tal como ninguém sentiu.
Os pecados do mundo em seus ombros levou,
Pela senda de fel ao Gólgota cruel,
O Gólgota cruel, o Gólgota cruel.

Embora Seus amigos O tenham abandonado e Seu povo d'Ele escarnecido e O ultrajado, simulando um julgamento que foi uma trama de assassinio para entregá-Lo à soldadesca romana para que O açoitassem, n'Ele cuspissem, O esbofeteassem e finalmente O crucificassem; nosso Guia-Mor prosseguiu até percorrer a última etapa, e suspenso entre o Céu e a Terra, disse: "Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste? . . . Nenhuma mão piedosa a enxugar-Lhe do rosto o suor da morte, nem palavras de simpatia e inabalável fidelidade para Lhe confortar o coração humano." — *Idem*, pág. 555. A missão de Cristo parecia haver findado em derrota completa. Não obstante, hoje, milhões de almas dariam a vida por seu Salvador e milhões e milhões gozarão na eternidade pelo sacrifício de Jesus na cruz.

"Como Redentor do mundo, Cristo foi constantemente confrontado por aparentes fracassos. Ele, o mensageiro da misericórdia ao nosso mundo, pouco parecia fazer da obra que anelava realizar em erguer e salvar. Satânicas influências estavam sempre operando para Lhe obstar o caminho. Mas Ele não desanimava. . . Cristo não fracassou, nem Lhe desfaleceu o ânimo, e Seus seguidores têm de manifestar uma fé de natureza assim resistente. Cumpre-lhes viver como Ele viveu, e trabalhar como Ele trabalhou, pois n'Ele confiam como o grande Obreiro-mestre. Valor, energia e perseverança devem êles possuir. Conquanto aparentes impossibilidades lhes entrem o caminho, por Sua graça hão de ir avante. Em lugar de deplorar as dificuldades, são convidados a transpô-las. Não devem desesperar de coisa alguma, mas esperar tudo." — *Idem*, págs. 507 e 508.

Unidade

(Continuação da página 2)

res, médicos e membros leigos, e todos conjugam os esforços para elaborar planos e campanhas que façam a obra progredir. Ao lermos alguma coisa sobre alguma campanha ou projeto, tenhamos presente que o mesmo foi estudado com oração dentro das comissões e fora delas, a fim de que possa merecer a aprovação divina.

A seguir citaremos algumas palavras da irmã White: "Trabalhai unidos. Avançai juntos. Cada qual permaneça em seu posto. Insto com todos quantos pretendem crer na verdade, a que marchem unidos com seus irmãos".

Há por vezes obreiros — cujo número, felizmente, é muito escasso — que não se unem com júbilo aos seus irmãos nas campanhas especiais. Por certo, estas pessoas se esquecem de uma série de vantagens que provém da cooperação espontânea e alegre. Uma corrente não é mais forte que o seu elo mais fraco. Algumas pessoas podem quase fazer fracassar uma boa campanha. As campanhas e os planos do movimento adventista sempre têm

uma margem de adaptação à personalidade do obreiro, mas em seus princípios básicos, deveriam ser levados a cabo em conformidade com as sugestões recebidas. De outra forma o plano da igreja não iria adiante.

Desejamos sugerir a êsses poucos obreiros que estudem novamente as bênçãos que são recebidas como consequência de trabalharem com o coração, a mente e as energias, juntamente com seus companheiros. Há um gozo insubstituível que provém da união com os companheiros nas atividades e campanhas da igreja, e ao findar o ano, a nenhum obreiro pode caber satisfação maior do que haver cumprido com o dever.

Às vezes eu me encontro com algum obreiro que está sumamente arrependido de não haver cooperado em alguma das campanhas da organização. Escrevo estas linhas para que nenhum dos obreiros da Divisão Sul-americana jamais tenha que passar por essa experiência.

Sejamos unidos em nossos objetivos que são os do grande movimento adventista. Unamos o coração e as mãos na tarefa que temos perante nós para que também estejamos unidos na vitória da causa que tanto amamos.



O BRA PASTORAL

Deontologia Ministerial

ENOCH DE OLIVEIRA

Evangelista da União Este-brasileira

A afirmação cediça de que todo privilégio está ligado a um dever é incontestavelmente certa. Em qualquer ramo de atividade humana verificamos que os direitos geram sempre obrigações implícitas.

O ministério evangélico, como vocação sagrada, concede a todo o que o exerce grandes e desvanecedores privilégios. É óbvio, pois, que o ministro, como decorrência destes privilégios inerentes à sua investidura, tenha deveres e obrigações.

Entretanto, como ministros — temos que confessar — no uso de nossos direitos e prerrogativas, desfrutando dos honrosos privilégios que decorrem deste exaltado ofício, somos, por vezes, inclinados a descuidar a contrapartida: as obrigações e deveres.

A luz da deontologia (ciência das responsabilidades e deveres) procuramos reunir alguns preceitos normativos que julgamos de relevante importância nas atividades pastorais, como disciplinadores do comportamento de um ministro. Estes preceitos apresentamos, à guisa de sugestão, tendo em vista a evidente necessidade de um CÓDIGO DE ÉTICA MINISTERIAL.

Ei-los resumidos num decálogo:

Iº.) TER A CONVICÇÃO DO CHAMADO E CRER NO PODER DO EVANGELHO

“Ninguém toma para si esta honra senão o que é chamado por Deus, como Aarão”. Heb. 5:4.

Inferre-se desta declaração que o verdadeiro ministro não se chama a si mesmo. A iniciativa da escolha de Aarão não procedeu d'ele mesmo, mas do Senhor. Todavia, aquêle que atende ao chamado divino deve crer no poder do Evangelho como suficiente para reerguer os caídos, e eficaz na obra da reconciliação dos homens com Deus.

IIº.) CULTIVAR AS QUALIDADES FÍSICAS, MORAIS E INTELLECTUAIS PARA EXERCER DIGNA E EFICIENTEMENTE O MINISTÉRIO

“Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina...” “Persiste em ler...” “Sê o exemplo... na palavra, na pureza, no trato...” Efé. 4:12-16.

Paulo, escrevendo ao jovem pastor da igreja de Éfeso, comunica-lhe salutareos princípios de ética ministerial. Nestes conselhos sublinha o destacado ministro de Deus, o valor do cuidado físico, a importância de uma conduta moral irrepreensível e a necessidade de um constante cultivo intelectual. Assim, pois, o ministro atenderá à sua boa aparência, disposição e saúde para se impor. Moralmente, obedecerá aos princípios da dignidade, probidade e coragem de atitudes. No tocante ao intelecto, o ministro estudará diligentemente, esforçando-se

para adquirir cultura multiforme: teológica e humanística.

IIIº.) RESPEITAR E AMAR OS COLEGAS

“Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal”. Rom. 12:10.

Consoante o conselho evangélico o ministro deve ser cortês e amável com os colegas. Este dever elementar nas relações sociais constitui uma resultante da polidez e urbanidade que a educação impõe a todo cidadão. O respeito à honra e à dignidade de um colega no ministério nunca deveria faltar. Ainda quando esteja em êrro nenhuma referência desprimorosa, nenhuma afirmação desairosa deverá ser feita à sua conduta ou idoneidade pastoral. O êrro é sempre uma consequência da fragilidade humana.

IVº.) CONSIDERAR O PECADOR COMO O CENTRO DE TODOS OS CUIDADOS E ATENÇÃO

“Conjuro-te, pois, diante de Deus... que pregues a palavra, inestas a tempo e fora de tempo, redarguas, reprendas, exortes, com tôda a longanimidade e doutrina.” II Tim. 4:1 e 2.

Nunca esqueça o ministro de que a sua missão diuturna (em tempo e fora de tempo) é ajudar com longanimidade o pecador nas suas fraquezas e vacilações, consolar os que choram, animar os desalentados e confortar os que estão em angústia e tribulação. Todos os seus labores e atividades deverão gravitar em torno desses alevantados objetivos.

Vº.) TRATAR COM DESVELO, PACIÊNCIA E AMOR O REBANHO, MAS FAZENDO VALER A PRÓPRIA AUTORIDADE PASTORAL

“Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado d'ele, não por força, mas voluntariamente...” I S. Ped. 5:2.

Atenda com desvelo os membros da igreja confiada aos seus cuidados pastorais, embora recebendo muitas vezes ingratidões. A via pastoral é pavimentada de incompreensões. Seja paciente com o errante em seus desvios e extravios. A paciência, entretanto, não deverá nunca excluir o princípio da autoridade. Seja cortês, mas firme e resolutivo. Só assim imporá confiança.

VIº.) ABSTER-SE DE JUÍZOS E INSINUAÇÕES CAPAZES DE ABALAR A CONFIANÇA DE QUE FÔR DEPOSITÁRIO UM COLEGA, POR PARTE DA IGREJA

“Não faleis mal uns dos outros. Quem fala

mal de um irmão, e julga a seu irmão, fala mal da lei e julga a lei..." S. Tia. 4:11.

O pastor deve observar escrupulosa, honesta e sincera atitude no que tange à conduta de um colega. As alusões ou insinuações que porventura possam minar-lhe a influência ou abalar a sua autoridade perante a igreja jamais deverão ser expandidas.

VIIº.) OBSERVAR O SIGILO PASTORAL

"Se alguém dentre vós cuida ser religioso, e não refreia a sua língua... a religião dêsse é vã." S. Tia. 1:26.

É dever do pastor ouvir tôdas as revelações que lhe forem feitas, mas, calar, rigorosamente, tudo o que lhe haja sido confiado por outrem. A violação deste preceito determina, não raro, profundos dissabores e amargos vexames, ao mesmo passo que, traz o descrédito e a desconfiância sobre o ministério. Sobre o assunto mui judicioso é o conselho: "Mas todo o homem seja pronto para ouvir, tardio para falar..."

VIIIº.) APLICAR-SE INTEIRAMENTE E SEM RESERVAS AOS ENCARGOS PASTORAIS

"Ninguém que milita se embaraça com os negócios desta vida." II Tim. 2:4.

O pastorado é um sacerdócio e, como tal, deve ser exercido. Diz S. Paulo: "Digno é o obreiro do seu salário." Naturalmente a organização proverá para o seu obreiro um salário justo e decoroso. Não deverá, pois, o ministro, animado por

sentimentos utilitários, envolver-se com os negócios temporais, buscando auferir proventos e ganhos suplementares para adicioná-los às suas receitas.

IXº.) RESPEITAR OS SUPERIORES HIERÁRQUICOS

"Sujeitai-vos, pois, a toda ordenação humana por amor do Senhor..." I S. Ped. 2:13.

Diz a Sra. White: "...o espírito de desorganização está no próprio ar que respiramos. Por alguns, todos os esforços por estabelecer ordem são considerados perigosos—como uma restrição da liberdade individual, devendo, pois, ser temidos como sistema papista." "Fui instruída de que é esforço especial de Satanás levar homens a julgar que Deus Se agrada de que escolham seu próprio modo de proceder, independentemente do conselho de seus irmãos"—O. E., pág. 481. Para resguardar-se do espírito de independência suscitado por Satanás, deve o ministro trabalhar em harmonia com o juízo dos seus superiores hierárquicos, respeitando os conselhos dos que estão investidos em posições de responsabilidades, honrando-lhes a devoção, a experiência e as câs.

Xº.) LEMBRAR-SE DOS PRECEITOS CONSTITUÍDOS NESTE CÓDIGO

Deve o pastor atender com fidelidade a todos os preceitos reunidos neste código e todos os outros preceitos explícitos ou implícitos que regem o exercício pastoral. Assim merecerá a estima da igreja, o aprêço dos colegas e as bênçãos de Deus.



CONSELHO do Espírito de Profecia

O Lugar de Cristo na Divindade

1. UM COM O PAI ETERNO. — "Cristo, o Verbo, o Unigênito de Deus, era um com o eterno Pai—um em natureza, caráter, propósito—o único ser que poderia penetrar em todos os conselhos e propósitos de Deus. 'O Seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz' (Isa. 9:6). Suas 'saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade' (Miq. 5:2)." — *Patriarcas e Profetas*, pág. 22.

2. CRISTO E O PAI, DE UMA SUBSTÂNCIA. — "Nunca dantes haviam os judeus ouvido palavras tais de lábios humanos, e apossou-se dêles uma influência convincente; pois parecia que a divindade resplandecesse através da humanidade ao dizer Jesus: 'Eu e o Pai somos um.' As palavras de Cristo estavam repletas de significação ao apresentar a reivindicação de que Ele e o Pai eram de uma substância, possuidores dos mesmos atributos." — *The Signs of the Times*, 27 de nov. de 1893, pág. 54.

3. IGUAL EM PODER E AUTORIDADE. — "Todavia, o Filho de Deus era o reconhecido Sobre-

rano do Céu, igual ao Pai em poder e autoridade." — *O Conflito dos Séculos*, pág. 495.

4. IGUAL AO PAI. — "A fim de salvar o transgressor da lei de Deus, Cristo, que era igual ao Pai, veio viver vida celestial perante os homens, para que aprendessem o que seja ter o Céu no coração. Ilustrou o que o homem tem de ser para ser digno do precioso dom da vida que equivale à vida de Deus." — *Fundamentals of Christian Education*, pág. 179.

5. POSSUI OS ATRIBUTOS DE DEUS. — "A única maneira em que a espécie humana podia ser restaurada era por meio da dádiva de Seu Filho, igual a Si e possuidor dos atributos de Deus. Conquanto fôsse tão altamente exaltado, Cristo consentiu em assumir a natureza humana, para que atuasse em favor do homem e reconciliasse com Deus o Seu súdito infiel. Ao rebelar-se o homem, Cristo pleiteou o Seu mérito em favor dêle, tornando-Se o substituto e penhor do homem. Empreendeu o combate aos poderes das trevas em favor do homem, e prevaleceu, vencendo o inimigo de nossa alma, e oferecendo ao homem o cálice

da salvação.” — *The Review and Herald*, 8 de nov^o. de 1892, pág. 690.

6. DEUS NO MAIS ELEVADO SENTIDO. — “O mundo foi feito por Ele, ‘e sem Ele nada do que foi feito se fêz.’ Se Cristo fêz tôdas as coisas, existia antes de tôdas as coisas. As palavras proferidas neste sentido são tão decisivas que ninguém precisa permanecer em dúvida. Cristo era Deus essencialmente, e no mais elevado sentido. Estava com Deus desde tôda a eternidade, Deus sobretudo, eternamente bendito. . . .

“Há luz e glória na verdade de que Cristo era um com o Pai antes de serem lançados os fundamentos do mundo. Essa é a luz a brilhar em lugar escuro, tornando-o resplandecente com a glória divina que havia no princípio. Esta verdade, infinitamente misteriosa em si mesma, explica outras verdades misteriosas e de ou tra maneira inexplicáveis, se bem que engastadas em luz, inatingível e incompreensível.” — *The Review and Herald*, 5 de abril 1906, pág. 8.

7. ETERNO E EXISTENTE POR SI MESMO. — “O Rei do universo convocou os exércitos celestiais diante de Si, para que na presença dos mesmos pudesse apresentar a verdadeira posição de Seu Filho, e mostrar a relação que Este mantinha para com todos os seres criados. O Filho de Deus partilhava do trono do Pai, e a glória do Ser eterno, existente por Si mesmo, rodeava a ambos.” — *Patriarcas e Profetas*, pág. 25 e 26.

8. CRISTO, NOSSO ETERNO PAI. — “Por mais que um pastor ame a suas ovelhas, ama ainda mais a seus próprios filhos e filhas. Jesus não é sômente nosso pastor; é nosso ‘eterno Pai’. E Ele diz: ‘Conheço as Minhas ovelhas, e das Minhas sou conhecido. Assim como o Pai Me conhece a Mim, também Eu conheço o Pai.’ Que declaração esta! É Ele o Filho unigênito, aquêle que Se acha no seio do Pai, Aquêle que Deus declarou ser ‘o Varão que é o Meu companheiro’ (Zac. 13:7), e apresenta a união entre Ele e o eterno Deus como figura da que existe entre Ele e Seus filhos na Terra!” — *O Desejado de Tôdas as Nações*, pág. 363.

9. VIDA — ORIGINAL, NÃO EMPRESTADA, NÃO DERIVADA. — “Ainda procurando dar a verdadeira direção à sua fé, Jesus declarou: ‘Eu sou a ressurreição e a vida.’ Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada. ‘Quem tem o Filho tem a vida.’ (S. João 5:12.) A divindade de Cristo é a certeza de vida eterna para o crente.” — *Idem*, pág. 395.

11. REDENTOR IGUAL A DEUS. — “O Redentor do mundo era igual a Deus. Sua autoridade era como a autoridade de Deus. Ele declarou que não tinha existência separada do Pai. A autoridade com que falava, e operava milagres, era-Lhe expressamente própria, não obstante nos assegurava que Ele e o Pai são um.” — *The Review and Herald*, 7 de janeiro de 1890, pág. 1.

12. ETERNO, EXISTENTE POR SI MESMO, INCRIADO. — “Jeová, o Ser eterno, existente por Si mesmo, incriado, sendo o originador e mantenedor de tôdas as coisas, é o único que tem direito à reverência e culto supremos:” — *Patriarcas e Profetas*, pág. 329.

13. JEOVÁ É NOME DE CRISTO. — “Jeová

é o nome dado a Cristo. ‘Eis que Deus é a minha salvação’, escreve o profeta Isaías; ‘eu confiarei, e não temerei, porque o Senhor Jeová é a minha fôrça e o meu cântico, e Se tornou a minha salvação. E vós, com alegria tirareis águas das fontes da salvação. E direis naquele dia: Dai graças ao Senhor, invocai o Seu nome, tornai manifestos os Seus feitos entre os povos, contai quão excelso é o Seu nome.’ ‘Naquele dia se entoará êste cântico na terra de Judá: Uma forte cidade temos, a que Deus pôs a salvação por muros e anteparos. Abri as portas, para que entre nela a nação justa, que observa a verdade. Tu conservarás em paz aquêle cuja mente está firme em Ti; porque ele confia em Ti. Confiai no Senhor perpétuamente; porque o Senhor Deus é uma rocha eterna.” — *The Signs of the Times*, 3 de maio de 1899, pág. 2.

14. JEOVÁ EMANUEL NOSSO SALVADOR. — “As portas celestes tornar-se-ão a erguer e, com miríades e miríades e milhares de milhares de santos, nosso Salvador sairá como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Jeová Emanuel, ‘será Rei sôbre tôda a Terra; naquele dia um será o Senhor, e um será o Seu nome’.” — *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 95.

15. JEOVÁ EMANUEL É CRISTO. — “Esta é a recompensa de todos quantos seguem a Cristo, Jeová Emanuel — Aquêle ‘em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência’, em quem habita ‘corporalmente tôda a plenitude da divindade’ (Col. 2:3 e 9) — ser levado a sentir em correspondência com Ele, conhecê-Lo, à medida que o coração se abre mais e mais para receber-Lhe os atributos; conhecer-Lhe o amor e o poder, possuir as insondáveis riquezas de Cristo, compreender mais e mais ‘qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de tôda a plenitude de Deus,’ (Efê. 3:18 e 19) — ‘esta é a herança dos servos do Senhor, e a Sua justiça que vem de Mim, diz o Senhor.’” — *Idem* pág. 39.

16. UM COM O PAI NA NATUREZA. — Antes da entrada do pecado entre os anjos, “Cristo, o Verbo, o Unigênito de Deus, era um com o eterno Pai — um na natureza, no caráter e no propósito — e o único Ser em todo o universo que poderia entrar nos conselhos e propósitos de Deus. Por Cristo, o Pai efetuou a criação de todos os seres celestiais.” — *O Conflito dos Séculos*, pág. 493.

17. FATAL A REJEIÇÃO DA DIVINDADE. — Se os homens rejeitam o testemunho das Escrituras inspiradas concernente à divindade de Cristo, é debalde argüir com êles sôbre êste ponto; pois nenhum argumento, por mais concludente, poderia convencê-los. ‘O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente’ (1 Cor. 2:14.) Pessoa alguma que alimente êste erro pode ter exato conceito do caráter ou da missão de Cristo, nem do grande plano de Deus para a redenção do homem.” — *Idem*, págs. 524 e 525.

II A Eterna Preexistência de Cristo

1. EXISTÊNCIA DISTINTA DESDE A ETERNIDADE. — “O Senhor Jesus Cristo, o divino Filho de Deus, existiu desde a eternidade, tendo personalidade distinta, se bem que um com o Pai. Ele era a excelente glória do Céu. Era o comandante dos séres celestiais, e a homenagem de adoração dos anjos era por Ele recebida como legitimamente Sua. Isso não era usurpar de Deus.” — *The Review and Herald*, 5 de abril de 1906, pág. 8.

2. SEMPRE COM O DEUS ETERNO. — “Ao falar de Sua preexistência, Cristo faz a mente retroceder às eras incontáveis. Asseguramos que nunca houve tempo em que não estivesse em comunhão íntima com o Deus eterno. Aquêlê cuja voz os judeus estavam então escutando estivera com Deus como alguém com Ele criado.” — *The Signs of the Times*, 29 de agô. de 1900.

3. PREEXISTÊNCIA INCALCULÁVEL. — “Cristo lhes mostra aqui que, conquanto Lhe pudessem calcular a vida como sendo de menos de cinqüenta anos, não obstante Sua vida divina não podia ser estipulada por meio de cálculos humanos. A existência de Cristo anterior à Sua encarnação, não é medida por algarismos.” — *The Signs of the Times*, 3 de maio de 1899.

4. UNIDO DESDE TÔDA A ETERNIDADE. — “Desde tôda a eternidade estêve Cristo unido com o Pai, e ao tomar sôbre Si a natureza humana, ainda era um com Deus.” — *The Signs of the Times*, 2 de agô. de 1905, pág. 10.

5. GLÓRIA DESDE TÔDA A ETERNIDADE. — “Ao transpor as portas celestiais, foi Jesus entronizado em meio à adoração dos anjos. Tão logo foi esta cerimônia concluída, o Espírito Santo desceu em ricas torrentes sôbre os discípulos, e Cristo foi de fato glorificado com aquela glória que tinha com o Pai desde tôda a eternidade.” — *Atos dos Apóstolos*, págs. 38 e 39.

6. MEDIADOR DESDE A ETERNIDADE. — “Embora a Palavra de Deus fale da humanidade de Cristo quando estêve na Terra, também fala decididamente quanto à Sua pré-existência. O verbo existiu como Ser divino, como o eterno Filho de Deus, em união e unidade com Seu Pai. Desde a eternidade foi o Mediador do concêrto, Aquêlê por quem tôdas as nações da Terra, tanto judeus como gentios, caso O aceitassem, seriam beneditas. ‘O Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.’ Antes que os homens ou os anjos fôssem criados, o Verbo estava com Deus e era Deus.” — *The Review and Herald*, 5 de abril de 1906.

7. INTERMINÁVEL E SEMPITERNO. — “Um ser humano vive, mas tem vida concedida, vida que será extinta. ‘Que é a vossa vida? É um vapor que aparece por um pouco, e depois se desvanece.’ Mas a vida de Cristo não é um vapor; é interminável, uma vida existente antes que os mundos houvessem sido feitos.” — *The Signs of the Times*, 17 de junho de 1897, pág. 5.

8. DESDE OS DIAS DA ETERNIDADE. — “Desde os dias da eternidade, o Senhor Jesus Cristo era um com o Pai; era ‘a imagem de Deus’, a imagem de Sua grandeza e majestade, ‘o resplen-

dor de Sua glória.’” — *O Desejado de Tôdas as Nações*, pág. 13.

9. ANTES QUE OS ANJOS FOSSEM CRIADOS. — “Ele era um com o Pai antes que os anjos fôssem criados.” — *The Spirit of Prophecy*, Vol. I, pág. 17.

10. ERA DESDE TÔDA A ETERNIDADE. — “Cristo era Deus essencialmente, e no mais elevado sentido. Ele estava com Deus desde tôda a eternidade, Deus sôbre tudo, eternamente benedito.” — *The Review and Herald*, 5 de abril de 1906, pág. 8.

11. CRISTO A PRESENÇA ETERNA. — “O nome de Deus, dado a Moisés para exprimir a idéia da presença eterna, fôra reclamado como Seu pelo Rabi da Galiléia. Declara-Se Aquêlê que tem existência própria, Aquêlê que fôra prometido a Israel, ‘cujas saídas são desde os tempos antigos desde os dias da eternidade’ (Miq. 5:2.)” — *O Desejado de Tôdas as Nações*, pág. 353.

12. IGUAL DESDE O PRINCÍPIO. — “Nela [a Palavra de Deus] podemos aprender quanto custou nossa redenção Aquêlê que, desde o princípio, era igual ao Pai.” — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 13.

III Três Pessoas na Divindade

1. TRÊS PESSOAS NA TRINDADE CELESTE. — “Há três pessoas vivas pertencentes à trindade celeste; em nome dêsses três grandes poderes — o Pai, o Filho e o Espírito Santo — os que recebem a Cristo por fé viva são batizados, e êsses poderes cooperarão com os súditos obedientes do Céu em seus esforços para viver a nova vida em Cristo.” — *O Evangelismo*, pág. 615.

2. A DIVINDADE UNIDA NA REDENÇÃO. — “A Divindade Se moveu de compaixão pela espécie, e o Pai, o Filho e o Espírito Santo Se empenharam na obra do plano da redenção.” — *Counsels on Health*, pág. 222.

3. OS TRÊS GRANDES PODERES DO CÉU. — “Os que proclamam a terceira mensagem angélica têm de revestir-se de tôda a armadura de Deus, para que permaneçam destemidamente em seu pôsto, em face da detração e da falsidade, combatendo o bom combate da fé, resistindo ao inimigo com a Palavra ‘está escrito.’ Mantende-vos onde os três grandes poderes celestes, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, sejam a vossa eficiência. Êstes poderes operam com quem se entrega irrestritamente a Deus. A fortaleza do Céu está à disposição de quantos crêem em Deus. O homem que põe em Deus a sua confiança está circundado de um muro inexpugnável.” — *The Southern Watchman*, 28 de fev^o. de 1904, pág. 122.

4. IMPERATIVA A COOPERAÇÃO DOS TRÊS. — “A nossa santificação é obra do Pai, do Filho e do Espírito Santo. É o cumprimento do concêrto que Deus fêz com os que com Ele se unem, para permanecerem com Ele, com Seu Filho, e com o Espírito Santo em santa comunhão. Nascestes de novo? Tornaste-vos um novo ser em Jesus Cristo? Cooperai, então, com os três grandes poderes do Céu que estão atuando em vosso favor. Ao fazerdes isto revelareis ao mundo os prin-

cípios da justiça.” — *The Signs of the Times*, 19 de junho de 1901.

5. TRÊS DIGNITÁRIOS ETERNOS. — “Os eternos dignitários celestes — Deus, Cristo e o Espírito Santo — munindo-os [aos discípulos] de energia sôbre-humana, . . . avançariam com êles para a obra e conveceriam do pecado o mundo.” — *O Evangelismo*, pág. 616.

6. OS TRÊS MAIS ALTOS PODERES. — “Cumpre-nos cooperar com os três poderes mais

altos no Céu — o Pai, o Filho e o Espírito Santo — e êsses poderes operarão por meio de nós, fazendo-nos coobreiros de Deus.” — *Idem*, pág. 617.

7. NOME TRÍPLICE. — “Os que ao iniciar a carreira cristã são batizados em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, declaram publicamente que renunciaram o serviço de Satanás, e se tornaram membros da família real, filhos do celeste Rei.” — *Test. Sel.*, [Edição Mundial] Vol. II, pág. 389.



E VANGELISMO

Pregação Persuasiva

J. L. SHULER

(Evangelista, Divisão do Oriente Médio)
(Yucaipa, Califórnia, EE. UU.)

A PREGAÇÃO persuasiva envolve dois pontos principais: instrução no sentido da verdade; persuasão para crer a verdade e a ela obedecer. O objetivo do sermão é informar o intelecto, e influenciar a vontade em prol da verdade divina. A pregação deve ser avaliada de acôrdo com o que instrui e estimula os ouvintes. Nada existe no púlpito mais necessário do que a pregação que seja construtiva e feita de maneira tal que os ouvintes sejam instruídos e estimulados em favor de Deus.

Pregar é a ciência da persuasão nas coisas divinas. Instrui com o propósito de estimular, ou conseguir a crença e a ação. Nossa comissão de pregar, recebida do Ministro-chefe e Pregador-máximo é ensinar e fazer discípulos (S. Mat. 28:18-20). O conceito de Jesus quanto à pregação girava em torno do propósito todo-importante da instrução para o fim de promover a obediência.

Os professores de homilética têm formulado definições várias do que seja pregar, mas nenhuma conheço mais adaptada nem apropriada do que esta: Pregar é “a comunicação falada da verdade divina visando à persuasão.” — T. Harwood Pattison, *The Making of the Sermon*, pág. 3. O segundo dos maiores pregadores de todos os tempos definiu em três palavras o propósito da pregação: “*Persuadimos os homens*” (II Cor. 5:11). A pregação pode ser considerada êxito ou fracasso segundo a extensão em que persuade. Se a persuasão é o ponto divisório entre o êxito e o fracasso, certamente cada pregador deve dedicar estudo especial à ciência da persuasão.

O objetivo de todo sermão deve ser êsse mesmo: instruir e estimular. Deve o pregador planejar, orar e pregar de forma que seus ouvintes sejam compelidos a elevadas decisões em favor de Deus — os convertidos, a fazerem mais por Cristo; os inconversos, a aceitarem o Salvador. Acertado andou o Dr. Jorge Campbell, ao dizer: “Reconheço que

tôda a pregação, quer direta quer indiretamente, visa à persuasão.” — *Systematic Theology and Pulpit Eloquence*, pág. 197.

Mais do que quaisquer outros ministros precisam os pastôres adventistas do sétimo dia estudar a ciência da persuasão. É possível que tenham a tarefa de persuadir as pessoas a fazer dez vezes mais do que qualquer outro ministro o faz. Precisam persuadi-las a santificar um dia diferente, a comer e a beber diversamente, a vestir-se de maneira diferente, a relacionarem-se diversamente para com os prazeres, as diversões, os contatos pessoais com os mundanos, e a crer diferentemente acêrca da natureza e destino do homem e do mundo. Disse alguém: “Se quiserdes contrair inimizades, buscai modificar alguma coisa.” A tarefa de fazer adventistas do sétimo dia por meio de nossas pregações, estudos bíblicos e trabalho pessoal requer a aplicação, ao máximo possível, da ciência da persuasão.

Nosso alvo, como o foi o de Paulo, é “*por todos os meios chegar a salvar alguns*” (I Cor. 9:22). Por isso precisamos usar em nosso auxílio todos os meios apropriados de persuasão, assim divinos como humanos. Em auxílio dêste problema da persuasão, precisamos recorrer aos meios divinamente destinados, tais como o Espírito Santo, a Palavra, o amor de Deus, a cruz e a oração, combinados com o uso dos princípios da atuação do cérebro humano, por cujo meio a mente e o coração dos ouvintes são levados a fazer decisões em favor de Deus. Todo fator, por cujo meio as pessoas possam ser levadas a atender ao apêlo de Deus precisa ser usado para contribuir com sua parte para o mais elevado e santo propósito de conseguir decisões.

Se os pregadores adventistas analisarem o conteúdo dos sermões em relação com os fatores da persuasão, muitos se capacitarão de que sua base de persuasão é anticientífica e inadequada. As mais das vezes, a pregação adventista é orientada pela

seguinte fórmula: A citação de passos bíblicos comprobatórios ou a apresentação de argumentos, produzirá na mente dos ouvintes a compreensão e apreensão da verdade, e o resultante conhecimento da verdade levá-los-á a agir em conformidade com a verdade. Essa não é, porém, uma base apropriada para a pregação persuasiva.

Reduzida à expressão mais simples, essa fórmula equivale a: *sabemos — agimos*. Mas isso não está inteiramente em conformidade com a maneira em que atua a natureza humana. Possivelmente, cada pessoa é convencida pela lógica e pelo raciocínio, de uma quantidade de pontos em que não passa à ação. O homem tanto é um ser emocional quanto uma criatura que raciocina. As pessoas são estimuladas por seus impulsos psicológicos, ou por seus motivos básicos de atuação, mais do que meramente pelo raciocínio. De fato, as emoções parecem disparar adiante do raciocínio quando a vontade se transforma em decisão e ação. Esta condição foi apropriadamente chamada: “o avanço do sentimento e o atraso do pensamento.”

O verdadeiro alicerce sobre o qual o pregador tem de construir, para alcançar a persuasão é: *a decisão e a ação surgem da ação recíproca do pensamento e emoções do ouvinte*. O mais sábio dos homens reconhece isto, quando diz: “Como imaginou na sua alma, assim é.” O que o homem é, e o que faz, são o resultado acumulado do seu pensamento e emoções. Daí estar assente que a pregação persua-

siva que estimula as pessoas à ação tem que ser um entrelaçamento hábil de provas lógicas com o apelo ao coração, ou apelo motriz, que produz essa ação recíproca de raciocínio e emoção e, por sua vez, produz decisão e ação esclarecidas. Reduzida à sua expressão mais simples, essa fórmula é: *Sabemos — sentimos — agimos*.

Equivale isto a que o pregador tem de falar ao mesmo tempo, para a cabeça e o coração, e a única maneira em que pode fazer isto é pela mescla hábil, no mesmo discurso, dos fatores doutrinários e práticos. Semelhante mescla desperta as emoções do ouvinte, ao convencer-lhe o cérebro e guiar a razão, de forma que a sua vontade é estimulada ou aliciada para a proposição do pregador.

Por meio de um apelo emocional não nos referimos à mera apresentação de histórias com o fito de fazer o ouvinte rir ou chorar. Referimo-nos, porém, a apelos aos motivos que controlam o comportamento humano; apelos que tocam as tendências universais do homem para a ação; apelos motrizes que levam a vontade a agir em prol da verdade.

A pregação persuasiva é a verdade avigorada da verdadeira significação emocional. É uma mescla sutil de lógica e apelo motriz que, por motivo do intelecto convencido e dos sentimentos despertados, leva o ouvinte à convicção impelente e ao desejo propulsor de lançar-se à ação.

Evangelismo Relâmpago

GERALDO G. DE OLIVEIRA

EXISTEM expressões nas Escrituras e Espírito de Profecia que ainda necessitamos entender seu real significado, à medida que avançamos no determinado “tempo do fim.”

Daniel o profeta nos fala que “muitos correrão duma parte para outra...” São Paulo nos aconselha a “remir o tempo porque os dias são maus,” pois “Deus realizará a Sua obra sobre a Terra completando e abreviando-a.” Jesus nos disse que por amor dos escolhidos, “Aquêles dias seriam abreviados...” A Sra. White afirma que os “últimos movimentos serão rápidos”.

Se bem que tais expressões possam ter cumprimento e aplicação em tempos passados, não podemos negar que também se apliquem em nossos dias e em circunstâncias as mais diversas.

Não resta dúvida que vivemos num tempo específico de pressa e urgência, na época da velocidade, quando a humanidade vive aos empurrões e solavancos, condensando anos em dias, séculos em décadas. À medida que o fim se aproxima, instintivamente o homem deseja viver com a máxima intensidade a vida finita, pois entende que passamos como um conto ligeiro, a vida se esvai, e nós voamos. Há pressa para o rápido enriquecimento, impaciência inconstante na busca de prazeres, um afã em se entreter com os cuidados da vida, um agarramento às vaidades efêmeras, diante da

vida furtiva que levam, presentindo que há algo a acontecer, muito a perder no torvelinho dos dias que passam sem causa, das horas que nunca mais voltarão. E nessa loucura de aquisição de coisas terrenas, do pouco que lhes é tudo, perderão o tudo que agora se lhes afigura abstrato.

Por muito tempo nos preocupávamos em encontrar uma maneira de encurtar o mais possível o tempo da apresentação da mensagem básica do advento, apressando o tempo longo que conduz à decisão, pois milhares não podem esperar tanto tempo para decifrar a verdade e tomar decisões numa época de pressa e apuros em que vivemos. Temos observado que as maiores decisões nunca pertenceram aos que assistem a uma série desde o início, mas dão-se entre os que assistem do meio para o fim, quando os grandes temas proféticos da tríplice mensagem são apresentados, cumprindo-se em certo modo, o lema, “muitos derradeiros serão os primeiros.”

Imaginamos uma série-relâmpago, com vinte e uma conferências que tocassem os pontos vitais da verdade, levando rapidamente à decisão, antes de esfriar o interesse, de esgotar o entusiasmo, de morrer o fervor e de ter tempo de pensar em descobrir escusas.

A primeira experiência fizemos em Anápolis, Estado de Goiás, em agosto de 1955. As condi-

ções não eram recomendáveis, pois a cidade vinha de ser surpreendida por uma série intensiva de conferências muito recente, da qual resultou a construção dum lindo Templo. A experiência se fez no mesmo Templo, ainda inacabado, quase no escuro, pois não tínhamos praticamente luz na cidade, nessa ocasião. Não tínhamos "team" evangelístico que pudesse ajudar, nem durante as reuniões nem depois, para continuar mantendo o interesse, de modo que os interessados não foram visitados, nem receberam estudos bíblicos. Não tínhamos orçamento para bons convites diários e apesar de todos os empecilhos, várias famílias foram recebidas na Igreja e estão agora batizadas.

No dia 25 de fevereiro último, iniciámos na cidade de São Carlos, Estado de São Paulo, outra série-relâmpago, agora com melhores perspectivas. Tínhamos um bom "team" de cinco obreiros, duas obreiras bíblicas; alugámos um ótimo salão no centro da cidade, onde não havia preconceito a ser removido e que pudesse impedir a livre assistência às reuniões e podendo publicar, cada dois dias, um belo convite, com propaganda no rádio e no jornal. Uma assistência média de 350 a 400 pessoas fôra constante, até o final da série. O trabalho repercutiu na cidade e grande oposição se despertou de todos os lados e de todos os credos. Vinte e um dias depois do início, convidámos os novos interessados para o primeiro culto divino no sábado. Nossa Igrejinha, muito mal localizada, bem fora do centro da cidade, não oferecia nenhuma recomendação ao povo culto que assitia à série. Nosso povo já se cançava de, cada sábado, sempre ver os mesmos irmãos, sem nenhuma visita, sem entusiasmo, cantando, não louvores altissonantes na adoração do Criador, mas com desânimo visível, faziam ressoar um cântico desafinado, abafado pelo pouco alento que sentiam. Agora, porém, estavam todos curiosos, pois durante as conferências novo ânimo tomou posse de cada irmão. Quantos viriam era a indagação de cada um, naquele sábado, 17 de março de 1956. E que surpresa: 65 novos interessados, afora as crianças, adentraram a igreja, que superlotou. Realizou-se pela primeira vez, uma reunião separada para as crianças, a fim de dar lugar para os adultos. Aquêlê culto foi um dos

mais abençoados para todos os presentes, naquele sábado. Havia lágrimas de gratidão nos olhos de muitos.

No sábado, 12 de maio de 1956, em meio de outra grande série em Araçatuba, fomos realizar o primeiro batismo em São Carlos e dezessete almas foram sepultadas como resultado direto da série-relâmpago. Novo batismo realizou-se no sábado 14 de julho, e esperamos durante o ano batizar cinquenta almas com o auxílio do Senhor.

O evangelismo relâmpago não encurta a mensagem pregada, não modifica os pontos básicos, nem facilita a aceitação na Igreja; apenas apressa o angustioso tempo de espera para levar à decisão. As reuniões feitas diariamente impedem que outors interesses se interponham na mente dos interessados. Eles tomam mais interesse em seguir passo a passo os capítulos dos assuntos apresentados, formando um conjunto glorioso de verdades, que os empurram à decisão.

Se demorarmos em dizer o que somos e em explicar o que virá no futuro a pessoas que vivem apressadamente, corremos o risco de estiolar o interesse, desanimar o coração aflito, esfriar o entusiasmo. Apressamos em trazê-los à igreja e esta terá todo o tempo necessário para prepará-los para os privilégios e obrigações que a cidadania do reino comunica a cada filho de Deus.

É possível que com tal método iremos trazer à igreja, em maior número, os que vivem sob esse prisma da pressa e da corrida. E uma vez que temos de alcançar a todos, tentemos todos os meios, todos os métodos, pesquemos em tôdas as águas, usemos tôdas as iscas, para de alguma maneira, salvar alguns.

Cremos que tal método não substitui o antigo, mas complementa-o, quando circunstâncias e condições indicarem o que seja mais recomendável. No futuro, aplicado em testes mais extensivos, na prática, veremos de sua eficácia, eficiência e conveniência ou não de sua aplicação, pois a dar magníficos resultados, como cremos que dará, será, talvez, um dos meios de apressarmos a obra que temos para fazer em tão pouco tempo, por tantos e com tão poucos recursos em homens e meios.

“Deus Necessita de Obreiras... Fiéis aos Princípios”

“Todos quantos trabalham para Deus, devem possuir um misto dos atributos de Marta e de Maria — a boa vontade para servir e sincero amor à verdade. O próprio eu e o egoísmo precisam ser perdidos de vista. Deus demanda fervorosas obreiras, prudentes, afetivas, ternas e fiéis aos princípios. Êle convida mulheres perseverantes, que tiram o pensamento de si mesmas e de seu interesse pessoal, concentrando-o em Cristo, proferindo palavras de verdade, orando com as pessoas às quais conseguem acesso, trabalhando pela conversão de almas.” — *Test. Sel.*, [Edição Mundial], Vol. II, pág. 405.

CAIXA DE PERGUNTAS

Que Podemos Dizer da Dança Como Recreação para os Cristãos?

SE os amigos do cristão são também cristãos — e não outros deverão ser amigos íntimos — apreciarão somente as coisas de que Cristo possa partilhar. Poderíamos convidá-Lo para um baile? Podemos imaginar o Senhor Jesus dançando as modernas danças sociais? O ritmo — isto é, o movimento organizado — não é, em si mesmo, pecado; porque todos os movimentos da criação são rítmicos. Mas o ritmo e a música da dança de homens e mulheres juntos, tem apenas um propósito: a complacência das paixões sensuais. Isto o negam sempre com veemência os adeptos da dança. Mas sua negação com frequência não é sincera, como bem pode provar-se.

Poderia alguém sofrer todo o esforço físico e emocional dum baile sem o estímulo do parceiro? É possível que alguém diga que isso também ocorre com a dança clássica, a dança em grupo, ou a a dança interpretativa. Mas, com ela, o auditório é o estimulado e o que estimula, e os efeitos sensuais podem ser mentais. A Bíblia ensina claramente que a impureza é fruto dos pensamentos. Podem os pensamentos ser puros na atmosfera de um salão de baile?

Ainda dirá alguém: "Limite-se o baile apenas ao lar." Mas nisso, como quando se bebe ou joga em casa, existe apenas um passo, do lar para o inferno. O jovem que aprendeu a dançar em casa é arrojado no mundo, sem armadura social. Conduz a dança à santidade? Pode o cristão orar enquanto dança? Pode o Espírito Santo habitar no coração enquanto o corpo se requebra ao som de uma rumba ou outra música "tropical"? A própria pergunta nos fornece a resposta.

Talvez alguém indague quanto à dança que aparece na Bíblia. Não são muitos os passos que a mencionam. Dêstes, Êxo. 15:20; Juí. 11:34; 21:2 e 23; I Sam. 18:6; 21:11; 29:25 e Jer. 31:4 referem-se a jovens, crianças e mulheres, que dançavam sós, puramente como expressão de júbilo. Os seguintes passos mencionam também crianças e homens que dançavam sós para manifestar sua alegria: II Sam. 6:14 e 16; I Crô. 15:29; Jó 21:11

S. Mat. 11:17; S. Luc. 7:32. Nos versículos a seguir, a dança, sem mencionar quem a empregou, é praticada unicamente como símbolo de deleite: I Sam. 30:16; Sal. 30:11; Lam. 5:15; S. Luc. 15:25. Os passos seguintes, são exemplos de danças de ébrios e imorais: Êxo. 32:19 (comparar com os vs. 6 e 25); S. Mat. 14:6; S. Mar. 6:22. Em Jeremias 31:13 são mencionados homens e mulheres que dançam, mas separadamente.

Resta-nos unicamente, em algumas versões, os passos de Sal. 149:3, 150:4 e Ecl. 3:4, que sancionam claramente a dança. Rezam êles: "Louvem o Seu nome com dança" e "Louvai-O com o adufe e a dança". Êstes passos induzem algumas igrejas a realizarem danças religiosas de homens e mulheres. Revelam essas pessoas, porém, sua ignorância tanto da linguagem bíblica quanto dos antigos costumes de culto. Notareis que quando os israelitas louvavam a Deus na dança, faziam-no as mulheres sós. (Êxo. 15:20; ver também os passos citados de Juízes, bem como Jer. 31:13.) Notemos, também, que na versão Almeida, Sal. 149:3, 150:4 e Ecl. 3:4, rezam "flauta" e "saltar". De maneira que êstes versículos não sancionam, de maneira alguma, a dança moderna como meio de adorar e honrar a Deus.

Nos cultos religiosos em que a palavra "dança" não provém de um instrumento musical, indica o que hoje em dia chamariamos uma procissão religiosa, em que a Nação inteira tomasse parte, com música e cânticos, em marcha triunfal, em direção ao templo da cidade de Jerusalém, acompanhada, amiúde, da arca sagrada. Essa foi a dança que Davi encabeçou quando "Davi saltava com tôdas as suas forças diante do Senhor" (II Sam. 6:14), quando a arca foi levada do seu exílio, na casa de Obed-edom, até ao tabernáculo para ela preparado na recentemente constituída capital, em Jerusalém. Essa "dança" religiosa nada tem que ver com a dança moderna. Por certo, se nos abstermos das danças do mundo, poderemos participar daquela "dança" que constituirá a procissão triunfal dos remidos em direção à Nova Jerusalém.

"Não devemos procurar diminuir nossa culpa excusando o pecado. Cumpre-nos aceitar a divina avaliação do pecado, e essa é deveras pesada. Unicamente o Calvário pode revelar a terrível enormidade do pecado. Caso devêssemos suportar nossa própria culpa, ela nos esmagaria. Mas o Inocente tomou-nos o lugar; conquanto não a merecesse, Êle carregou com a nossa iniquidade. 'Se confessarmos os nossos pecados', Deus 'é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça'." — O Maior Discurso de Cristo, pág. 101.



NOTAS E NOTÍCIAS

O PRIMEIRO magistrado comunista e o conselho municipal de Brandenburg, na zona soviética, pediu desculpas às autoridades da Igreja pelo incidente sacrílego ocorrido durante o último carnaval. No carnaval, um ator disfarçou-se como "Cristo", parodiou os sermões do Salvador, e "abençoou" as multidões. Na apologia, as autoridades da cidade buscaram dissociar-se do planejamento e prática desse incidente blasfemo.

◆ SEGUNDO um evangelista do Estado do Texas, a maior oportunidade para a conquista de almas, atualmente ali, está entre os dois milhões de moradores do Texas, que falam o espanhol. — *The Watchman Examiner*, 22 de março de 1956.

◆ O *Christian Index*, publicação oficial batista em Georgia, pediu aos pastores que deixem o "preciosismo". O editorial diz que seu autor duvida dos méritos de sermões cujo assunto "é escolhido pelo único motivo de cativar a atenção." Não obstante o motivo ser digno, diz o editorial, é de duvidar que títulos bombásticos façam algum apelo, mas "provavelmente mais repelem do que atraem." — *The Ministry*, maio de 1956.

◆ DEPOIS de vários anos de preparação, e com o apoio do Ministério da Educação de Israel, foi publicada em Jerusalém uma edição da Bíblia, de 10.000 exemplares, com 1.387 páginas, e apresenta o Velho Testamento em hebraico. Esta versão foi feita pelo Professor Umberto Cassuto, já falecido, e é a primeira impressão da Bíblia efetuada no Estado de Israel.

◆ Um prisioneiro de guerra, repatriado, conta que no campo de concentração onde esteve, na Rússia, o Novo Testamento foi copiado a mão, dez vezes, em papel velho, usado nos sacos de cimento, e distribuído entre os prisioneiros. Parentes seus lhe haviam remetido um Novo Testamento junto com outras publicações, religiosas. Porém, a administração do campo apreendeu todas as publicações, menos o Novo Testamento. Dêste é que foram tiradas cópias pelos prisioneiros, com perseverança, e usadas regularmente nos cultos. O repatriado trazia consigo a cópia original.

◆ No domingo, 29 de agosto de 1955, os índios conobe, da Guatemala ocidental, receberam da American Bible Society, pela primeira vez, o Novo Testamento completo, em sua própria língua. Aquêles dia marcou o clímax de um quarto de século de trabalho devotado do Rev. Newberry Cox e sua esposa, missionários na Guatemala, pertencentes à Missão Central Americana. Quarenta mil pessoas usam o dialeto conobe (um dos 17 grupos de línguas faladas na Guatemala) pertencente à tribo maia-quiché. A população indígena do país é calculada em cerca de um milhão e meio, isto é, quase metade da população total.

◆ No ano passado, foi publicado o Evangelho de Marcos, em tipo grande, para os recém-alfabe-

tizados, em edição bilingüe — português-umbundu, em colunas paralelas. A tribo Umbundu é a maior da Angola calculando-se em 1.300.000 pessoas aproximadamente, da quais cerca de 230.000 já crentes em Cristo. Presentemente está sendo utilizada a tradução do Novo Testamento nessa língua, e quando a Bíblia for impressa em português-umbundu, será a primeira Bíblia completa, bilingüe, publicada pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira.

◆ A SOCIEDADE Bíblica Americana acaba de publicar, pela primeira vez, o Novo Testamento completo em sistema Braille, em português. A notícia é deveras auspiciosa, porque representa vitória retumbante na luta pela disseminação do Sagrado Livro. Estão, portanto, de parabéns, os cegos brasileiros que, agora, poderão, com seus próprios dedos, ler o texto integral do Novo Testamento.

É mais um motivo para elevarmos o nosso preito de sincera gratidão ao Pai de amor.

As Escrituras em relêvo são fornecidas ao cego em todo o mundo, em 41 idiomas. A Sociedade Bíblica Americana completou recentemente, 120 anos de trabalho dedicado aos cegos.

O Novo Testamento em português compõe-se de sete volumes grandes, e dentro de poucos dias estará à venda na Sociedade Bíblica do Brasil.

◆ EM dezembro de 1955, era o seguinte o número de línguas em que a Bíblia, completa ou em parte, já está publicada: Línguas em que a Bíblia completa está publicada: 207; línguas em que o Novo Testamento completo está publicado: 265; línguas em que pelo menos um evangelho ou outro livro completo da Bíblia está publicado: 620. Total: 1092.

◆ A VENDA de Bíblias na Espanha, foi proibida. No entanto, por canais particulares já circularam 21.800 volumes, inclusive 2.000 Bíblias completas. Confiamos que chegará o dia de brilhar para a Espanha uma nova aurora e a Palavra de Deus circular livremente, dissipando as trevas.

◆ No dia 11 de junho p.p., inaugurou-se em Mainz, na Alemanha, uma exposição da Bíblia, patrocinada pelo Museu Gutenberg, com o objetivo de comemorar o 500.^o aniversário da impressão da Bíblia de Gutenberg naquela cidade. Além da Bíblia de Gutenberg, para a qual se procurou focalizar a maior atenção, foi exibida valiosíssima coleção de Bíblias históricas. Dos quase 300 volumes expostos, a maior parte eram edições originais e, excepcionalmente, em boas condições.

◆ No espaço de um século duplicou a população católica na Suíça. Em 1860 havia menos de um milhão; hoje passa de dois milhões. O aumento é devido à natalidade, pois houve poucas conversões.



NOSSA LÍNGUA

Diferença entre "Ouvir" e "Escutar"

MUITA gente há por aí que ignora a diferença existente entre os dois verbos. Vejamo-la: Ouvir = perceber (os sons) passivamente pelo sentido do ouvido (é função puramente receptiva de nossa parte; o som chega-nos simplesmente aos ouvidos, sem que nos esforcemos por captá-lo).

Considerem-se êstes tópicos: "O sino calou-se, e, apenas se calou, parece-me *ouvir* um som mais perto." (A. Herculano, *O Monge de Cister*, 20ª ed., Vol. II, pág. 168.) "Os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão." S. João 5:25.

Escutar = prestar atenção a (sons); tornar-se atento para perceber (sons) (é função ativa de nossa parte; exige-se nossa atenção para a percepção dos sons). Vejam-se êstes exemplos: "D. João I *escutou* silencioso a longa arenga do venerável prelado." (A. Herculano, op. cit., Vol. II, pág. 351.) "Prontos estavam todos *escutando* o que o sublime Gama contaria." (L. de Camões, *Os Lusíadas*, c. III, est. 3.)

Tal diferença semântica vem expressa com felicidade no *Dicionário Contemporâneo* de C. Aulete - S. Valente (2ª ed., s. v. "escutar") por esta frase: "Estava *escutando*, mas não *ouvia* coisa alguma", que pode ser desdobrada assim: "Esforçava-se por perceber algum som, mas nenhum ruído lhe chegava aos ouvidos." Também é clara a diferença neste excerto de A. Herculano (op. cit., Vol. II, pág. 157): "O camareiro hesitou, retendo a respiração e pondo-se a *escutar* atentamente. Pa-recera-lhe *ouvir* um rastejar sumido. . ."

Na primeira frase é o camareiro que procura perceber sons, e na segunda, é um som que, independente de sua vontade, lhe parece chegar ao ouvido.

É conveniente, portanto, que, em geral, não confundamos os dois verbos, fazendo a necessária distinção de sentido entre êles.

Aumentativo de Alguns Substantivos

Não há desanimar por não saber-se o aumentativo de alguns substantivos, pois alguns são realmente difíceis. Damos, a seguir, alguns exemplos:

Animal	animalaço
barba	barbaça
barca	barcaça
barriga	barriganha
bigode	bigodeira
bôbo	bobalhão
bôca	bocaça, bocarra
cabeça	cabeçorra
cão	canzarrão
carta	cartaz
chapéu	chapeirão
copo	copázio
corpo	corpanzil

fatia	fatacaz
feio	feanchão
homem	homenzarrão
ladrão	ladravaz
língua	linguaraz, lingüeirão
lôbo	lobaz
mestre	mestraço
moça	moçetona
moço	moçetão
nariz	narigão
rapaz	rapagão
santo	santarrão
velhaco	velhacaz
voz	vozeirão

Coletivos

Não raro tropeçam os oradores na formação de um substantivo coletivo e embatucam no seu discurso, dando a impressão nítida, ao auditório, de que lhes faltou no momento o termo justo, por esquecimento ou por desconhecimento (o mais certo é julgarem que o foi por desconhecimento).

Eis alguns:

De alhos, cebolas	réstea
arroz	batelada
angústias	congerie
asneiras	chorrilho
assassinos	choldra
atôres	elenco
bois	armento
búfalos, vacas	manada
cabras	fato
cães	matilha
camelos	cáfila
cavalgadas	réqua
chaves	mólho
cônegos	cabido
cordame	enxárcia
espigas	atilha
exploradores	bandeira
flôres	braçada
gente	magote
heróis	falange
ilhas	arquipélago
intelectuais	pléiade
lôbos	alcatéia
mulas	ponta
objetos de prata	baixela
ovelhas	chafardel
peixes	boana
plantas	herbário
porcos	vara
quadros	galeria
razões	carrada
roupa	rol
sardinhas	corso
soldados	troço
tolices	acervo
vadios	cambada
vagabundos	caterva
velhacos	súcia

R. A. B.